

textos clássicos-9

os Acarnenses

Aristófanes

introdução, versão do grego e notas de
Maria de Fátima de Sousa e Silva

2ª. EDIÇÃO, REVISTA E ACTUALIZADA



Instituto Nacional de Investigação Científica

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

COIMBRA

1988

TÍTULO

OS ACARNENSES

2.^a edição em português: Julho de 1988

Série — Textos Clássicos: 9

AUTOR

Aristófanes (em tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva)

EDIÇÃO

Tiragem: 2 000 exemplares

Instituto Nacional de Investigação Científica

CAPA

Aquarela de LOURO FONSECA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRENSA DE COIMBRA, L.DA

Contribuinte n.º 500137625

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

DISTRIBUIÇÃO

IMPRENSA NACIONAL — CASA DA MOEDA

R. Marquês de Sá da Bandeira, 16 — 1000 Lisboa

Depósito Legal n.º 19277/87

Copyright © MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

INTRODUÇÃO

DATA E FINALIDADE DA PEÇA

Os Acarnenses foram apresentados nas Leneias¹ de 425 a.C., sob o nome de Calístrato, e galardoados com o primeiro prêmio nesse concurso, o que equivaleu, por parte de Aristófanes, a uma vitória obtida sobre os seus dois maiores rivais, Cratino e Êupolis. Para nós, representam a comédia mais antiga do poeta e a primeira, conservada na íntegra, do teatro cómico grego. É interessante observar que, desde os primórdios da sua carreira literária, Aristófanes aparece dominado por uma preocupação que frequentemente ressalta das suas comédias: a necessidade de, assumindo o papel, que cabe ao poeta, de educador do povo, alertar os Atenienses para o futuro sombrio que a guerra anunciava à cidade de Palas, e para a contingência do resultado de um combate que se arrastava, interminável.

¹ As Leneias eram um festival dionisiaco, realizado durante o inverno; aos rituais báquicos, veio incorporar-se, em meados do séc. v a.C., um concurso dramático, de comédia desde 445 a.C. e de tragédia a partir de 432 a.C. Devido aos rigores da estação, não havia estrangeiros presentes nessas representações (cf. vv. 504 sqq.): o público era exclusivamente constituído por atenienses. O festival realizava-se no Lenéion, na Ágora, onde havia um templo a Dioniso Leneu; alguns arqueólogos, no entanto, pretendem fundamentar uma transferência destas representações, em meados do séc. v a.C., para o próprio teatro de Dioniso, no sopé da Acrópole. Nomes notáveis da literatura dramática grega competiram nas Leneias, em importância o maior certame a seguir às Grandes Dionísias.

Para uma maior documentação sobre o assunto, vide A. W. PICKARD-CAMBRIDGE, *The Dramatic Festivals of Athens*, Oxford, 1968, pp. 25-42; C. RUSSO, *Aristofane autore di teatro*, Firenze, s.d., pp. 3 sqq.

Jovem ainda, o comediógrafo domina já essa Atenas em guerra, com uma política externa discutível, os demagogos, os oportunistas, os sicofantas, os intelectuais inovadores e controversos como Eurípides. A personalidade do poeta e os seus temas favoritos estão traçados desde os primeiros passos no mundo do teatro.

A experiência de seis anos de hostilidades tinha sido dura, sem que se entrevisse ainda qualquer posição militar definitiva. Feitos de êxitos e de derrotas pouco significativos, esses seis anos não tinham tido o poder de desanimar os Atenienses, que mantinham cada vez mais viva a esperança na almejada vitória final. Eram essas as disposições gerais no momento da apresentação de *Os Acarnenses*. E, no entanto, tudo à volta de Atenas eram destroços. A população circunvizinha tinha vindo acolher-se à protecção das muralhas da cidade, deixando os campos expostos às incursões frequentes do inimigo, que, sem cessar, tudo devastava. Entre as vítimas mais atingidas contava-se a população de Acarnas, o maior *demos* da Ática, que vira as suas vinhas arrasadas desde o começo da guerra e da maneira mais atroz. Daí que Aristófanes sentisse a oportunidade de escolher para membros do coro desta peça os carvoeiros daquela região, valentes soldados de Maratona, endurecidos por uma guerra ruïnosa e sedentos de vingança. Não esqueçamos, ainda, que a intenção lúdica do poeta podia ser servida por essas figuras bem caracterizadas, com os seus trajes e acessórios vistosos.

Fazendo-se porta-voz da opinião de muitos, Aristófanes refere como causa da guerra o decreto de Mégara¹, impulsionado pelo próprio Péricles. Depois da morte do estadista, todos aqueles que do combate tiravam lucros apreciáveis — demagogos, sicofantas, chefes militares —, procuravam alimentar indefinidamente o conflito, em benefício próprio e detrimento da comunidade. A Atenas faltava uma mão forte que a conduzisse nesses dias difíceis. Na comédia, esses ambiciosos a quem a guerra servia, encarnados em Lâmaco², encon-

¹ Cf. nota 101.

² Lâmaco evidenciou-se como militar no comando do exército ateniense. Esteve na expedição à Sicília, onde veio a morrer em 414 a.C., em combate, junto a Siracusa.

tram o seu oposto na figura de um velho aldeão, que usa o nome significativo de Diceópolis, 'cidadão recto', e se apresenta como um lutador solitário pela causa da paz. E a peça vai progressivamente acentuando esse contraste entre o homem que, para si só, fez tréguas com o inimigo e aqueles outros que rodeiam a existência com o bronze das armas. À felicidade e abundância do primeiro, responde o sofrimento e as carências dos últimos. De um lado, apetitosos, os encantos da paz, do outro, amarguradas, as dores da guerra.

Em plano secundário, mas bem visível, Aristófanes usa de outra problemática igualmente muito a seu gosto, a paródia literária contemporânea. Muitos nomes são referidos de passagem desde o início da peça, mas um, o de Eurípides, com particular relevo. O comediógrafo sente prazer em parodiar essa controversa figura da cena trágica, com as suas técnicas vistosas, as suas personagens inovadoras, os seus temas revolucionários. Desta vez é o *Télefo*, tragédia apresentada por Eurípides em 438 a.C., que Aristófanes escolhe para tema de duas cenas da comédia: o herói da peça havia de reaparecer ainda uma vez no palco cómico em *As Mulheres que celebram as Tesmofórias*¹. Perante os homens de Acarnas, agressivos e inabaláveis, Diceópolis, vestido de andrajos, assume o papel de Télefo, o infeliz rei da Mísia ferido por Aquiles, que vem, como suplicante, à presença dos Argivos.

Com todos estes ingredientes, Aristófanes oferece corajosamente a um povo dorido da guerra, uma lição de paz, ministrada com o bom humor e a vivacidade característicos num homem que contrabalança um espírito fortemente realista com uma notável veia satírica.

¹ Cf. nota 82. Uma análise minuciosa desta paródia, em M. F. SOUSA SILVA, *Crítica do teatro na comédia antiga*, Coimbra, 1987, pp. 112-131.

ESTRUTURA DA PEÇA

A abertura desta comédia coloca-nos no recinto da Pnix em dia de assembleia do povo, logo de manhãzinha, diante de um cidadão solitário, Diceópolis. Este isolamento do protagonista, com que se procura evidenciá-lo desde os primeiros momentos do drama, é uma técnica que o poeta repetirá, por exemplo, em *Lys.* e *Ecc.* Assim se justifica, também, o longo monólogo que a personagem então pronuncia. Esta fala estabelece desde logo a feição política que vai dominar toda a sequência da peça. Não falta, ainda, a paródia literária, que ocorre naturalmente ao espírito desocupado de Diceópolis, sob a forma de recordações de bons e maus momentos da sua vida, todos eles ligados a experiências no teatro: ora o enleio estético perante a superioridade de um artista, ora o arrepio nauseado face a um mau executante. Não podemos deixar de notar que, como homem do campo, Diceópolis evidencia um nível cultural superior ao que seria de esperar na sua condição.

Das muitas amarguras já vividas, nenhuma se pode comparar, no entanto, à situação presente, em que o velho avalia a indiferença generalizada pelos interesses da cidade; vazia a Pnix, ausentes ainda os próprios responsáveis pela assembleia, todos alheios à urgência que Atenas tem de concretizar a paz. Só por ela Diceópolis foi capaz de se arrancar à quietude do seu campo e vir, matinal, à *ἐκκλησία*, disposto a deixar o anonimato e a lutar com todo o vigor da sua palavra. Está lançada a pedra de toque da comédia e identificados autor e personagem num esforço comum em favor das tréguas.

Com a entrada buliçosa dos prítanes em pleno meio-dia, o poeta dá início a uma paródia da assembleia popular na Atenas do séc. v a.C. Feito o ritual de abertura, o arauto anuncia o começo da discussão. Anfíteo, o primeiro orador a pronunciar-se, com o nome e genealogia divina que apresenta, é a perso-

nagem própria para veicular a solução que o próprio Aristófanes propõe para a guerra em que se debatiam os Gregos: uma aliança entre Atenas e Esparta, que lhes daria a hegemonia sobre toda a Hélade. O modo como esta ideia era acolhida pela maioria dos Atenienses é simbolicamente sugerido pela expulsão indisputada do proponente do recinto da assembleia. Uma única voz se levanta para o defender, a de Diceópolis, silenciado de imediato. A ordem do dia prossegue com as declarações dos embaixadores, de regresso das suas missões diplomáticas. Intervém primeiro o embaixador à corte persa que, após encarecer as penas da viagem, narra o acolhimento caloroso que recebeu e apresenta um emissário do Grande Rei, ali especialmente enviado como testemunha das disposições, em que o seu povo se encontra, de facultar aos Atenienses um empréstimo em dinheiro. Mas, nas palavras quase ininteligíveis do persa, Diceópolis decifra uma recusa que atesta a falsidade dos procuradores a quem Atenas confia a sua política externa. Desiludido, o velho aldeão, o único clarividente entre os participantes na assembleia, encarrega Anfíteo de pactuar com Esparta uma trégua particular, que o beneficie exclusivamente, e à sua família. Aristófanes recorre uma vez mais ao utópico, lançando a primeira pedra de um mundo de delícias, onde irá refugiar a sua personagem. A assembleia continua com a entrada de Teoro, outro aldrabão (v. 135), que traz notícias de uma embaixada junto do rei Sitalques da Trácia. Depois de um acolhimento soberbo e de afirmações repetidas de amizade e apreço, Sitalques oferece a Atenas um exército que, a expensas da própria cidade, há-de esmagar o inimigo. O que tal oferta pode significar para os Atenienses claramente se exemplifica, na presença de todo o povo, quando Diceópolis se vê saqueado, na própria assembleia, pelo exército dos trácios. São estas as verdadeiras intenções daqueles que Atenas, na sua cegueira, acolhe como amigos e a quem prodigaliza as honras do Pritaneu. Uma gota de chuva, sinal enviado por Zeus, põe fim à assembleia.

O cenário passa agora para um plano privado. De volta de Esparta, Anfíteo tem de se defender da perseguição dos homens de Acarnas, que, conhecedores do motivo da sua viagem, o ameaçam, sedentos de vingarem no inimigo a devastação

das suas vinhas. Fica assim anunciada a próxima entrada do Coro. Diceópolis escolhe entre as várias libações de paz, que lhe são oferecidas, as mais duradouras, as de trinta anos, e, munido delas, ilustra pela primeira vez o alcance das tréguas com os preparativos que faz, juntamente com a família, para celebrar as Dionísias Rurais¹, não mais realizadas desde o começo da guerra. É este o momento da entrada do Coro, constituído por velhos carvoeiros de Acarnas, saudosos da vitalidade da juventude, que perseguem, para lhe darem o devido castigo, o traidor que ousou fazer tréguas com um inimigo contra quem todos somam vasto número de agravos. O furor do Coro é travado pelo convite ao silêncio que acompanha o início da celebração das Dionísias, no ambiente rural da casa de Diceópolis. Forma-se o cortejo falofórico, alinhando à frente, como canéfora, a filha do velho aldeão, portadora do cesto com as oferendas destinadas ao deus, e seguida de dois escravos que transportam o falo. Ao dono da casa, que simboliza a presença dos fiéis, cabe entoar o hino em honra de Fales, companheiro de Dioniso, a personificação da fertilidade. Este hino é um canto de alegria, que resume todo um ambiente de paz na evocação de um quadro bucólico, o doce enlaçar de uma bela lenhadora. Na quietação acolhedora da natureza, o homem encontra a felicidade: — é o pensamento de um camponês compulsivamente afastado dos campos e refugiado dentro das muralhas da cidade, que se vê agora de regresso a casa.

Seguros de terem encontrado o traidor que procuravam,

¹ As Dionísias Rurais (*τὰ κατ' ἀγροῦς Διονύσια*, cf. v. 202) eram celebradas normalmente em Dezembro. O acontecimento principal das festividades era um cortejo falofórico, cujo significado se relacionava com um culto propiciatório da fertilidade. Não se sabe desde quando este culto se associou ao deus Dioniso, dado que devia ser bastante mais antigo do que os rituais ligados àquele deus em território ático. Cada *demos* organizava o seu próprio festival. A informação mais precisa que possuímos sobre o assunto é este passo de *Os Acarnenses* (vv. 237 sqq.) e o cortejo aqui organizado por Diceópolis. De resto, deveria haver, de *demos* para *demos*, algumas diferenças no ritual.

Este festival encontra-se estudado com mais pormenor em A. W. PICKARD-CAMBRIDGE, *op. cit.*, pp. 42-56.

os Acarnenses investem contra ele à pedrada, e assim dispersam o cortejo em pânico. Para ouvidos modernos, não deixa de ser surpreendente o argumento justificativo com que Diceópolis responde ao Coro, e que não é mais do que a defesa do próprio inimigo tão detestado: «os Lacedemónios, contra quem tanto nos encarnicamos, não têm a culpa de todos os nossos problemas» (vv. 309-310). E, sem se intimidar com a animosidade do Coro, arrisca-se a defender, com a cabeça no cepo, a justiça das suas palavras. Esbarra, porém, com a renitência dos carvoeiros, que não querem ouvi-lo. É o momento de Aristófanes recorrer à paródia literária, ao colocar o seu herói, escudado nos cestos tão queridos dos Acarnenses, numa situação paralela à de Télefo, que, impotente para se fazer ouvir pelos Aqueus, a quem pedia a cura dos seus males causados por Aquiles, vai escudar-se com o pequeno Orestes contra a ira dos Argivos¹. O processo resulta: Diceópolis consegue finalmente fazer-se ouvir. No entanto, de si para si, o velho exprime o receio que sente perante aqueles ânimos contudentes, agressivos, prontos a cederem a elogios falsos, mas renitentes em aceitarem a verdade crua. É a experiência que lhe dita esses temores. E de repente vemos o próprio Aristófanes identificar-se com a personagem, para se queixar da perseguição de que foi vítima por parte de Cléon, que tinha atacado no ano anterior em *Os Babilónios*. Daí a necessidade de prudência que sente agora, e que o leva a munir-se de um traje capaz de o impor à piedade dos ouvintes. Esse traje de certeza poderá encontrá-lo em casa de Eurípides, mestre em fazer chorar o anfiteatro. Prossegue assim a paródia do trágico.

Esta cena entre Diceópolis e Eurípides é considerada por Russo² como um excuro, com uma génese e consequências dramáticas e cénicas. A sua motivação vem na sequência perfeita da intriga: a necessidade de apelar para quem sempre demonstrou que sabe comover. Pela primeira vez Eurípides vem à cena aristofânica, não sem que antes o público tenha um contacto com a subtilidade do seu pensamento, com o requinte da

¹ Cf. nota 63 e *Th.* 689 sqq.

² *Op. cit.*, p. 86.

sua arte, através do escravo, a imagem fiel do patrão¹. Finalmente Eurípides é rolado para fora de casa, como um deus das suas tragédias, de pés levantados e envergando trajos de mendigo, de acordo com as personagens coxas e indigentes que cria. Ao vê-lo, Diceópolis exprime uma teoria sobre a composição poética, que virá a aparecer de novo em *Th.* na boca de Ágaton: a personalidade, autêntica ou forjada do poeta, determina a qualidade da sua obra. E aquelas características que eventualmente não possuía, poderá adquiri-las pela imitação (cf. *Th.* 149 sqq.). A *μίμησις* sobrepõe-se à *φύσις*. A criação poética é não já uma dádiva espontânea da natureza, mas o fruto de um modelo elaborado pelo próprio autor.

Para corresponder ao pedido do velho que o aborda como suplicante, Eurípides vai enumerando as várias personagens mendigas que criou, numa tentativa para identificar aquela cujos trapos Diceópolis pretende, pela sua miséria extrema, Télefo. Ao deixar a casa do trágico, o aldeão encarna de novo, no traje, atitudes e palavras, esse herói, súplice perante os Acarnenses e o público, como outrora o mísio perante os Argivos. A *ῥῆσις* que então pronuncia dirige-se sobretudo aos espectadores, interpelados logo nas suas primeiras palavras. São de facto eles os mais renitentes dos seus ouvintes; ao Coro espera o nosso herói iludir «com meia dúzia de tretas» (vv. 443 sq.).

Este discurso merece uma análise atenta. Não é de modo algum uma defesa dos Espartanos e, embora informativo sobre o contexto histórico da época, os dados que fornece não são rigorosos. A nota dominante é de novo a pacifista, a afirmação de que a guerra, que todos padecem, surgiu de um conflito que talvez a não justificasse. Aristófanes torna-se porta-voz de um escândalo, que apresenta como uma causa das hostilidades: para vingar a ofensa de que tinha sido vítima por parte de uns megarenses, que lhe raptaram duas cortesãs, Aspásia convence Péricles a defender a expulsão de Mégara dos mercados atenienses, o que a reduz à miséria total. Com a sua voz tonitruante, o estadista leva a assembleia à votação de um decreto neste sentido. Esta a justificação maldizente que o poeta dá para um decreto,

¹ Cf. *Th.* 39 sqq.

que, na realidade, nasceu de uma tentativa dos Atenienses para fortalecerem e dilatarem o seu poder estratégico. Mégara, acorrentada pela fome e pela miséria, solicita o apoio dos Lacedemónios no sentido de exigir a revogação desse decreto. A recusa com que os Atenienses respondem é o argumento decisivo para o início de uma guerra, que só esperava o momento de se declarar, já que a rivalidade Atenas-Esparta se vinha agudizando desde há anos. A opinião de Aristófanes, que talvez coincida com a da maioria, é que a desproporção é grande entre as eventuais vantagens do decreto e as suas reais consequências; além disso, o poeta não perde a ocasião para assinalar outro facto: o cumprimento dessas disposições abre campo à actividade dos sicofantas, indivíduos que lhe são particularmente antipáticos, sempre prontos como estavam a denunciarem qualquer infracção ao decreto, ambiciosos das vantagens económicas que a confiscação dessas mercadorias para eles representava.

Depois destas palavras convincentes, o Coro divide-se em duas facções, uma que apoia o orador, outra que o repudia. Esta última chama em seu auxílio Lâmaco, o campeão do partido favorável à guerra, que sai de casa vestido com todo o esplendor burlesco de um guerreiro de comédia, com o seu elmo empenachado, o escudo de tamanho descomunal e o tom empolado das suas palavras. O *ἀγών* que se segue entre ambos põe frente a frente um representante do povo, a grande vítima da guerra, aquele que mais duramente lhe sofre as consequências, sem para ela ter concorrido, e o militar convicto, que tira do combate vantagens consideráveis, sem deixar de, sob pretexto de missões de responsabilidade, se eximir aos riscos do campo de batalha. O debate termina com a proclamação de Diceópolis de que o seu mercado particular está aberto a todos aqueles que foram abrangidos pelo decreto de Mégara — Lacedemónios, Megarenses e Beócios.

Há agora uma pequena pausa na trama da peça, que dá lugar à parábase. O tema desta intervenção do Coro é de carácter polémico e do interesse pessoal do poeta. Aristófanes tenta perante o público uma justificação, em face das acusações que lhe foram feitas de ter dirigido contra a cidade palavras insultuosas, mormente num festival em que havia estrangeiros pre-

sentes, as Grandes Dionísias do ano anterior, em que tinham sido apresentados *Os Babilónios*. Pelo contrário, a sua actuação, diz o poeta, tem acumulado numerosos serviços prestados a Atenas como orientador do seu povo, alertando-o para a falsidade das palavras elogiosas com que os pretensos aliados procuravam ludibriá-la; foi ele igualmente que mostrou às cidades confederadas a supremacia da Atenas democrática. A importância de tais serviços levou longe a sua fama; até o rei da Pérsia pôde afirmar que teria indiscutível vantagem no combate o povo que se deixasse orientar por tal conselheiro. Com este exagero cómico, Aristófanes chama a atenção para as boas intenções que o impelem e para o valor de um espírito razoável num tempo em que a sensatez não abunda. Escudado pela justiça e pela verdade, o poeta pode fazer frente a qualquer ataque de um mal-intencionado. Antes de terminar, o Coro apresenta uma reclamação dos velhos da cidade, que se vêem arrastados para o tribunal por acusadores jovens, contra os quais são chamados a defenderem-se, em evidente desproporção de forças; para replicar ao vigor e encarniçamento desses oradores, o velho não dispõe de mais do que uma voz gasta e de um ouvido endurecido pelos anos. O resultado de tais processos é inevitável: o ancião retira-se do tribunal vencido, sobrecarregado com uma multa que lhe arrebatava as magras economias com que julgava poder garantir-se para o fim da vida. Tal procedimento, por parte da cidade, para com aqueles que, na flor dos anos, por ela deram todo o seu esforço, é indiscutivelmente injusto. Que pelo menos o velho defronte o velho e o jovem o jovem, num equilíbrio de forças.

Terminada a parábase, Diceópolis sai de casa para vir, em presença do público, marcar os limites do seu mercado, particular e simbólico, como infracção ao famoso decreto. Vão seguir-se duas cenas de estrutura cuidada e distintas nos processos cómicos a que recorrem, embora exista entre elas um certo paralelismo. Com finura de análise, Russo¹ chama a atenção para os traços que contribuem para esse diferenciação, a que não é alheio um contraste entre os dois provin-

¹ *Op. cit.*, p. 97.

cianos. A primeira cena, que tem como protagonista um megarensense, recorre sobretudo ao dialecto e à grosseria da personagem para realizar um cómico superficial, de um burlesco «à moda de Mégara» (v. 738); a seguinte, em que, junto do Tebano, brilha a personalidade de Diceópolis, põe em evidência a subtileza do espírito ático.

Analise agora, com um pouco mais de pormenor, o conteúdo destas duas cenas. A primeira vem confirmar a veracidade das afirmações anteriormente feitas a respeito das consequências do decreto de Mégara. Martirizado pela fome, um megarensense vem ao mercado de Diceópolis, disposto a transaccionar as duas filhas, a troco de um punhado de figos, de uma réstia de alhos e de uma medida de sal, produtos que outrora constituíam a riqueza da sua terra. Disfarçadas de porquinhas, as jovens são a única mercadoria que ele tem para apresentar no mercado. Aristófanes insiste mais uma vez no ataque aos sicofantas já antes atingidos, ao fazer expulsar da ágora um deles, que ali viera atraído pela presença do Megarensense. Uma breve introdução do Coro, recheada de ataques pessoais, marca o intervalo que medeia até à chegada do Tebano. A situação deste segundo provinciano contrasta sensivelmente com a do anterior. O Tebano, acompanhado de flautistas, vem munido de toda a variedade de produtos que o gosto mais requintado pode desejar. Diceópolis segue com interesse a enumeração das várias produções que o Tebano põe ao seu dispor, até explodir de entusiasmo à vista das saudosas enguias do lago Copaís, petisco tão apreciado e há tanto tempo ausente da sua mesa. Tudo arremata; mas que dará em troca como mercadoria genuinamente ática? Um sicofanta, bem empacotado, para chegar inteirinho à Beócia, onde valerá uma fortuna com as suas manhas de símio. Nicarco aparece a propósito como um bom exemplar do produto, «todo ele peçonha» (v. 909); e o público divertido, assiste ao empacotamento do sicofanta, rodeado dos cuidados que merece um objecto frágil, valioso, que tem à sua frente uma grande viagem.

Terminado este negócio, vem ao mercado um criado de Lâmaco, para comprar, a troco de dinheiro, alguns dos géneros com que Diceópolis acabara de se fornecer. A recusa é categórica e definitiva: o velho opõe-se a ceder seja o que for a esse

paladino da guerra, e retira-se para casa, desejoso de gozar das delícias da sua abundância. O Coro, já cativado para a causa da paz, inveja-o pela sensatez de que deu provas aquele espírito lúcido, que soube fechar as portas à guerra e encontrar a prosperidade, e não menos pelos bons manjares com que o vê agora regalar-se.

Entretanto os meses sucedem-se. Diceópolis, que, depois do párodo, vimos a celebrar as Dionísias Rurais, é agora, perto do fim da peça, convidado pela voz do arauto, para participar na festa dos Cângios¹. Toda a casa fervilha, na azáfama dos preparativos para o banquete. O pacifista é de novo abordado por personagens que pretendem partilhar da sua felicidade. É agora a vez de um Lavrador arruinado, e logo depois de um Paraninfo, que lhe pedem umas tréguas, por breves que sejam. Ambos os pedidos esbarram com uma recusa. A obstinação de Diceópolis cede apenas perante o pedido de uma noiva que sofre com a partida do desposado para o campo de batalha. «Como mulher, não tem culpa da guerra» (v. 1062) — reflecte o velho aldeão, e é este o motivo da sua cedência.

Após esta breve interrupção, continuam os preparativos para o banquete do dia dos Cângios. Em contraste com o primeiro arauto, que viera anunciar o festival, vem agora um segundo

¹ A festa dos Cângios realizava-se durante as Antestérias. O nome deste festival está relacionado com o facto de os rapazes e raparigas, que ultrapassavam a infância, participarem nele coroados de flores. Prolongava-se por três dias, designados por *Πιθογία*, *Χόες* e *Χύτροι*. No primeiro, o povo reunido junto do templo de Dioniso Leneu, fazia libações, depois de abrir os *πίθοι* que continham o vinho da última colheita. O dia seguinte era celebrado com a participação de bebedores por toda a cidade, empunhando vasos de forma característica, designados por *χόες*. Havia então um concurso de bebedores. Aquele que primeiro esvaziasse o seu cângio, era premiado com um odre de vinho. A festa dos *χύτροι* iniciava-se ao fim da tarde deste segundo dia com os preparativos secretos para o casamento entre a sacerdotisa e o deus, como símbolo da união de Dioniso, o senhor da fertilidade, com a comunidade religiosa que o honrava. De resto, o tom deste terceiro dia era mais sombrio do que o dos anteriores, já que se homenageavam os mortos com oferendas, a Hermes *χθόνιος*, de panelas, *χύτροι*, cheias de puré de legumes. A este propósito, vide A. W. PICKARD-CAMBRIDGE, *op. cit.*, pp. 1-25.

transmitir a Lâmaco a ordem de que deve apresentar-se quanto antes para tomar parte numa próxima campanha. A partir deste momento, assistimos a uma oposição bem marcada entre o quadro de abundância que é o da casa de Diceópolis, fornecida de todas as iguarias desejáveis para um banquete e cheia da alegria que precede uma festa, e outro de estreiteza, sob um céu nebuloso de guerra, em que vemos Lâmaco revestir-se das armas para corresponder à convocação dos generais. O contraste é feito passo a passo, num paralelismo de situações que se sucedem, até à partida, em sentidos opostos, das duas personagens. Após um interlúdio coral, vemo-los de regresso, para, num final vistoso, o poeta dar as últimas pinceladas na imagem até agora esboçada. De um lado o mensageiro, réplica do núncio das tragédias, que prepara o regresso de Lâmaco ferido, transportado por soldados, a lastimar-se das dores infligidas pelo combate; do outro, Diceópolis que volta do banquete, vencedor no concurso dos cângios, apoiado em duas lindas raparigas, que o brindam com provas de ternura. A causa está ganha. Os Acarnenses aceitam pela própria evidência a posição de Diceópolis e juntos entoam o alegre canto da vitória.

OS ACARNENSES

I ARGUMENTO

Em cena a assembleia de Atenas. Aí, a refutar os oradores que defendem a guerra e que, sem reboço, enganam o povo, apresenta-se Diceópolis, um camponês. Através de um fulano de nome Anfíteo, Diceópolis faz tréguas por sua conta, com os Lacedemónios. Tendo conhecimento do caso, uns velhos de Acarnas, que formam o Coro, avançam em sua perseguição. Então, ao verem Diceópolis a fazer sacrifícios, depois de concluir tréguas com os seus piores inimigos, lançam-se sobre ele e apedrejam-no. Este sujeita-se a fazer a sua defesa com a cabeça no cepo, com a condição de que, se as suas palavras, embora justas, não forem convincentes, lhe cortem a cabeça. Vai a casa de Eurípides e pede-lhe uma roupa de mendigo. Veste-se com os andrajos de Télefo e parodia o discurso deste, atacando, com azedume, Péricles, por causa do decreto de Mégara. Alguns membros do Coro encarniçam-se contra Diceópolis, por lhes parecer que está a defender a causa do inimigo e avançam sobre ele; outros, porém, apoiam-no, porque as suas palavras são justas. Aparece Lâmaco, que tenta provocar um tumulto. Depois de uma alteração, o Coro, persuadido, liberta Diceópolis, e dirige-se ao público, para lhe falar a respeito do mérito do poeta e de outros assuntos. Depois que Diceópolis fez, para si próprio, a paz, vem primeiro um Megarense com as filhas, disfarçadas de porquinhas, num saco, para vender; depois um Beócio, que traz para o mercado enguias e pássaros de todas as espécies. Aparecem alguns sicofantas. Diceópolis agarra num deles, enfia-o num saco e dá-o ao Beócio para o levar para fora de Atenas, em troca das suas mercadorias. Os muitos que se apresentam a Diceópolis para lhe pedirem que

- divida com eles as tréguas, são recebidos com desdém. Durante a festa dos Cōngios, um mensageiro dos estrategos vem chamar*
- 30 *Lâmaco, que vive ali ao lado, para que parta com as armas a defender as fronteiras. A Diceópolis é alguém da parte do sacerdote de Dioniso que o vem chamar para o banquete. Pouco depois,*
- 35 *Lâmaco volta coberto de golpes, maltratado, e Diceópolis, bem almoçado, em companhia de duas cortesãs.*

A peça pertence ao número das de primeira qualidade, e de qualquer modo, é uma exortação à paz. Foi apresentada no arcontado de Eutino, sob o nome de Calístrato. Ficou em primeiro lugar. Em segundo, ficou Cratino com A Tempestade, que se

40 *perdeu. Em terceiro, Êupolis, com Os Novilúnios.*

II ARGUMENTO

- Durante a assembleia, apresentam-se uns embaixadores outrora enviados à corte persa e a Sitalques; uns trazem um exército,*
- 5 *outros ouro, outros ainda trazem tréguas da parte dos Lacedemónios. Estes de modo nenhum são aceites pelos Acarnenses, que os atacam, o que o poeta censura com dureza. A propósito diz que o decreto de Mégara e Péricles, não os Lacedemónios,*
- 10 *são os culpados de tudo; as tréguas, segundo ele, são a única forma de libertação das dificuldades presentes.*

PESSOAS DO DRAMA

DICEÓPOLIS
ARAUTO
ANFÍTEO
EMBAIXADOR DE ATENAS JUNTO DO REI
PSEUDARTABAS
TEORO
CORO DE ACARNENSES
FILHA DE DICEÓPOLIS
SERVO DE EURÍPIDES
EURÍPIDES
LÂMACO
MEGARENSE
JOVENS FILHAS DO MEGARENSE
SICOFANTA
TEBANO
NICARCO
<MENSAGEIRO DE DICEÓPOLIS>
MENSAGEIRO DE LÂMACO
LAVRADOR
PADRINHO DE CASAMENTO

A cena decorre em uma zona suburbana de Atenas, vizinha da Pnix. Ao fundo, as casas de Diceópolis, Eurípides e Lâmaco.

DICEÓPOLIS (*contemplando a Pnix deserta*)

Quantos desgostos tenho eu tido a roerem-me a alma! Lá
alegrias, essas são poucas, bem poucas mesmo, uma meia dúzia
delas! Mas aflições!... às centenas, como de areias tem o mar ¹.
Ora bem, vejamos! Que alegria tive eu que se possa dizer um
«deleite»? Ah, bem sei! Foi um espectáculo que me encheu 5
de prazer o coração: aqueles cinco talentos que Cléon deitou
cá pára fora. Que alegrão não senti naquele momento! Muito
admiro eu os cavaleiros por causa dessa proeza! ² Um golpe
de sorte para a Grécia! Em compensação, de outra vez, passei
por um sofrimento «trágico» ³. Foi quando eu, de boca aberta, 10
estava à espera de Ésquilo, e o fulano sai-se-me a anunciar:
«Teógnis, apresenta o teu coro!» ⁴ Bem podem imaginar o
abalo que não foi para o meu pobre coração. Pelo contrário
foi uma alegria quando, depois de Mosco, entrou Dexíteo para
cantar uma beócia ⁵. Ainda este ano me senti morrer, até vesgo 15
fiquei, quando vi despontar Cérís para tocar o hino órtio ⁶.
Mas, desde que tomo banho, nunca os olhos me arderam tanto
com a lixívia, como agora, quando, num dia de assembleia prin-
cipal ⁷, de manhãzinha, venho aqui encontrar a Pnix ⁸ vazia, 20
enquanto eles palram na ágora e depois, como podem, lá vão
escapando à corda vermelha ⁹. Nem os prítanes ¹⁰ vieram
ainda. Até eles vão chegar atrasados! E depois, quando vie-
rem — já se sabe! —, vá de se disputarem uns aos outros os 25
lugares da frente, aos magotes, numa correria. Lá a paz e o
modo de a conseguir é o que menos os preocupa. Ai, cidade,
cidade! Pelo que me toca, sou sempre o primeirinho a chegar
à assembleia e a sentar-me. E então, enquanto estou só, começo
com as lamentações, abro a boca, espreguiço-me, dou uns tra- 30

ques, fico sem saber que fazer, traço uns rabiscos, arranco pêlos, deito contas à vida. Lá me ponho a contemplar o meu campo, desejoso de paz. Tenho horror da cidade, e saudades da
35 minha terra ¹¹, que nunca me disse: «Compra carvão», nem vinagre, nem azeite; que não conhecia essa história do «compra». Era ela que me dava tudo, sem essa serrazina do «compra» ¹². Ora cá estou eu desta vez decidido — e bem decidido! — a ber-
40 rar, a intervir, a insultar os oradores, se algum falar de outro assunto que não seja a paz. (*Entram os primeiros cidadãos.*) Mas aí estão os prítanes. Já é meio-dia! Eu não vos tinha avisado? Ora aí está o que eu vos dizia. É quem mais disputa os lugares da frente.

ARAUTO

Venham cá para a frente, vamos, para ficarem dentro do recinto sagrado ¹³.

ANFÍTEO

45 Já alguém falou?

ARAUTO

Quem pede a palavra?

ANFÍTEO

Eu!

ARAUTO

Quem és tu?

ANFÍTEO

Anfíteo ¹⁴.

30

ARAUTO

Então não és homem?

ANFÍTEO

Não, sou imortal. É que Anfíteo era filho de Deméter e Triptólemo. Este foi pai de Celeu. Celeu casou com Fenárete, a minha avó, mãe de Licino, que era o meu pai. Portanto sou
50 imortal. Foi a mim que os deuses encarregaram de fazer tréguas com os Lacedemónios, a mim e a mais ninguém. Mas, embora imortal, meus senhores, não tenho provisões para a viagem. Os prítanes não mas querem dar ¹⁵.

ARAUTO

Guardas! ¹⁶

55

ANFÍTEO

Ó Triptólemo! Ó Celeu! Deixais-me entregue à sorte?

DICEÓPOLIS

Prítanes, é um ultraje à assembleia prender assim um homem empenhado, no nosso próprio interesse, em fazer tréguas e pendurar os escudos.

ARAUTO

Senta-te! Silêncio!

DICEÓPOLIS

Não, por Apolo, isso é que não, se não for posto à discussão
60 o problema da paz.

31

ARAUTO

Os embaixadores do Rei! ¹⁷

DICEÓPOLIS

Qual Rei, qual quê! Já me irritam esses embaixadores, mais as suas pavonadas e fanfarronices.

ARAUTO

Silêncio!

DICEÓPOLIS

Ena pá! Ó Ecbátanos! ¹⁸ Que pose!

EMBAIXADOR

65 Fomos por vós enviados junto do Grande Rei, com um salário de duas dracmas por dia, no arcontado de Eutímenes ¹⁹.

DICEÓPOLIS

Minhas ricas dracmas!

EMBAIXADOR

70 De facto foi desgastante a nossa peregrinação pela planície do Caístro ²⁰, instalados em tendas, confortavelmente estendidos em carros, mortos de fadiga ²¹.

DICEÓPOLIS

Quer dizer que a são e salvo ia eu, bem rente à muralha, estendido... no lixo ²².

32

EMBAIXADOR

Depois da recepção, fomos forçados a beber, em taças de cristal e ouro, um vinho puro, muito doce.

75

DICEÓPOLIS

Ó cidade de Crânao! ²³ Compreendes agora que os teus embaixadores andam a gozar contigo?

EMBAIXADOR

É que os bárbaros, os únicos homens por quem têm consideração, são os bons garfos e os bons copos.

DICEÓPOLIS

É como nós, pelos devassos e pelos invertidos.

EMBAIXADOR

Ao fim de quatro anos, chegámos à corte do rei. Mas ele 80 tinha saído com o exército para ... cagar, e há oito meses que estava a fazer no alto de uns peni...nhascos de ouro ²⁴.

DICEÓPOLIS

E ao fim de quanto tempo é que ele fechou o rabo? Lá pela lua-cheia, não?

EMBAIXADOR

Só nessa altura voltou para o palácio. Então fez-nos uma 85 recepção e mandou-nos servir, inteirinhos, uns bois assados no forno.

33

DICEÓPOLIS

Bois assados no forno?! Onde é que já se viu tal coisa?!²⁵
Que gabarolices!

EMBAIXADOR

E mais ainda, caramba! Serviu-nos também uma ave com três vezes o tamanho de Cleónimo²⁶. O nome que lhe davam era 'Velhaco'.

DICEÓPOLIS

90 Ora aí está porque nos fazias essa velhacaria de nos apanhares duas dracmas.

EMBAIXADOR

E agora, de regresso, trouxemos connosco Pseudartabas, o Olho do Rei²⁷.

DICEÓPOLIS

Que um corvo lho arrancasse à bicada, e o teu também, seu embaixador!

ARAUTO

O Olho do Rei!

DICEÓPOLIS

95 Ó Hércules poderoso! Pelos deuses, tiozinho, tens um olho que nem escovém de navio! Quando dobras um cabo, logo enxergas o estaleiro. E aí em baixo, à volta do olho, é uma correia de remo isso que aí tens?²⁸

EMBAIXADOR

Vamos, explica lá qual a missão de que o Rei te encarregou junto dos Atenenses, Pseudartabas.

PSEUDARTABAS

*I artamane Xarxas apiaona satra*²⁹.

100

EMBAIXADOR

Percebeste o que ele está a dizer?

DICEÓPOLIS

Não, bolas, eu não!

EMBAIXADOR

Diz ele que o Rei nos vai mandar ouro. Vamos, tu, explica lá melhor e com mais clareza essa questão do ouro.

PSEUDARTABAS

Tu não receber oura, não, cu-mole de Ione!

DICEÓPOLIS

Ai que desgraça a minha! Esta agora foi bem clara.

105

EMBAIXADOR

O que é que ele está a dizer?

DICEÓPOLIS

O que é?... Diz ele que os Iónios são uns cus-moles, se estão à espera do ouro dos bárbaros.

EMBAIXADOR

Nada disso! Ele está mas é a falar de ouro aos alqueires.

DICEÓPOLIS

Quais alqueires, qual quê?! Um aldrabão de primeira foi
110 o que tu me saíste. Desanda daí! Quem vai fazer umas per-
guntinhas aqui ao fulano sou eu, mas sozinho. Anda lá!
Explica-me isso agora a mim como deve ser — estás a ver isto aqui?
(*mostra um cajado*)³⁰ — antes que eu tenha de te banhar num banho
à moda de Sárdis. O Grande Rei vai-nos mandar ouro? (*Pseudar-
115 tabas acena que não*) Quer dizer então que estamos a ser enga-
nados pelos nossos embaixadores? (*Pseudartabas acena que
sim, e os eunucos imitam-no.*) Foi à grega que estes tipos aqui
fizeram que sim com a cabeça; não há dúvida nenhuma de que
são mesmo de cá. Destes dois eunucos, esse aí conheço eu de
ginjeira, é o Clístenes, o filho de Sibírtio³¹. Ó cu-rapado de
120 ardentes desígnios! E é com uma barba dessas, seu macaco,
que tu te apresentas entre nós disfarçado de eunuco? E este
aqui, quem é ele? Deve ser Estratão³², não será?

ARAUTO

125 Silêncio! Senta-te! O Conselho convida o Olho do Rei
para o Pritaneu³³.

DICEÓPOLIS

Isto era só mesmo com a força! Perante uma destas, só
estou aqui a perder tempo, mais nada. Para receber tipos desta
laia nunca as portas se fecham. Vou mas é meter ombros a
uma empresa arriscada, de monta. O meu Anfíteo, onde está ele?

ANFÍTEO

Aqui mesmo à tua beira.

DICEÓPOLIS

Toma lá estas oito dracmas e vai, em meu nome, fazer tré- 130
guas com os Lacedemónios, só para mim, para os meus filhos
e para a minha mulher. E vocês vão mandando embaixadas
e deixem-se ficar pasmados à espera.

ARAUTO

Pode avançar Teoro³⁴, legado junto de Sitalques.

TEORO

Aqui estou eu.

DICEÓPOLIS

Mais um aldrabão, este que anunciam agora. 135

TEORO

Não teria sido tão longa a nossa demora na Trácia...

DICEÓPOLIS

Lá isso não, de certeza, se não recebesse uma maquia tão
grossa!

TEORO

...se a Trácia inteira não estivesse coberta de neve e os rios
gelados.

DICEÓPOLIS

Foi por essa altura que Teógnis³⁵ aqui se apresentou a 140
concurso.

TEORO

Durante esse tempo, estivemos a beber na companhia de Sitalques. A verdade é que ele se mostrou profundamente amigo de Atenas e tão autêntico era o seu entusiasmo por vós, que até nas paredes escrevia: «Bravos Atenienses!» O filho, a quem demos cidadania ateniense, ardia por comer salsichas nas Apatúrias³⁶, e suplicava ao pai que socorresse a sua pátria. O pai, de taça na mão, jurou que nos iria socorrer com um tal exército, que os Atenienses haviam de dizer: «Que praga de gafanhotos aí vem!»

DICEÓPOLIS

Um raio me parta se acredito numa palavra que seja do que tu estás para aí a dizer... a não ser nos gafanhotos.

TEORO

E para já foi o povo mais belicoso da Trácia que ele nos enviou.

DICEÓPOLIS

Pelo menos isso está à vista.

ARAUTO

155 Avancem para aqui os trácios que Teoro trouxe.

DICEÓPOLIS

Que desgraça é esta agora?

TEORO

O exército dos Odomantos³⁷.

38

DICEÓPOLIS

Que Odomantos? Diz-me lá, o que vem a ser aquilo ali? Quem descascou o membro dos Odomantos?

TEORO

Estes homens, se se lhes der duas dracmas de salário, só com a infantaria, são capazes de arrasar a Beócia de uma ponta à outra. 160

DICEÓPOLIS

A esses tipos? Duas dracmas a esses circuncisados? Gemer é o que resta aos marinheiros, os salvadores da cidade. (*Os Odomantos roubam-lhe o saco.*) Ai que desgraça a minha! Estou perdido! Os Odomantos estão a pilhar os meus alhos. Vocês largam já esses alhos ou não largam? 165

TEORO

Ah desgraçado! Não te aproximes deles. Já comeram os alhos.

DICEÓPOLIS

Vocês, prítanes, têm a coragem de me ver suportar um ultraje destes na minha pátria, e da parte de bárbaros? Mas eu recuso-me a continuar a discussão sobre o salário a dar aos trácios. Declaro-vos que um sinal divino acaba de se revelar: já me caiu uma gota de chuva³⁸. 170

ARAUTO

Os trácios podem retirar-se para comparecerem de novo depois de amanhã. Os prítanes consideram encerrada a assembleia.

(*Esvazia-se o terreno da assembleia.*)

39

DICEÓPOLIS

175 Isto é que é um sarilho! Lá se foi a minha rica guisarada de alho!³⁹ Olha, aí vem o Anfíteo de regresso da Lacedemónia. Viva, Anfíteo!

ANFÍTEO

Nada de vivas antes de eu parar de correr. Tenho de me pôr ao fresco para escapar aos Acarnenses.

DICEÓPOLIS

Mas o que há?

ANFÍTEO

180 Eu vinha lançado para cá para te trazer as tréguas. Mas a coisa cheirou-lhes, aí a uns tipos já de idade, de Acarnas, velhos de boas fêveras, rijos como pedra, de antes quebrar que torcer, combatentes de Maratona, gente de ferro⁴⁰. E então puse-ram-se a berrar em coro: «Ah patife! Tu a trazes aí tréguas, quando as nossas vinhas estão todas derrubadas?» E come-
185 çaram a apanhar pedras e a metê-las para o capote. Eu pus-me a cavar e eles a correrem atrás de mim, em grande gritaria.

DICEÓPOLIS

Deixa-os lá gritar. E então? Trazes aí as tréguas?

ANFÍTEO

Já te vou explicar. Trago-as aqui de três paladares. Estas são por cinco anos. Toma lá, prova.

DICEÓPOLIS

Pf!

ANFÍTEO

O que é?

DICEÓPOLIS

Não me agradam. Cheiram a pez⁴¹ e a preparativos de 190 frotas.

ANFÍTEO

Bem, toma lá estas por dez anos. Prova.

DICEÓPOLIS

Estas então cheiram que tresandam a embaixadas às cidades, a qualquer coisa como desmobilização de aliados.

ANFÍTEO

Mas aqui tens estas por trinta anos, em terra e no mar. 195

DICEÓPOLIS

Ó Dionísias!⁴² Estas, sim, cheiram a ambrósia e néctar. Só não ter de arranjar comida para três dias!⁴³ Parece que já as sinto na boca a dizerem-me: «Vai para onde quiseres.»⁴⁴ Essas aceito-as, faço libações com elas, bebo-as até à última gota. E os Acarnenses que passem por lá muito bem, é o que 200 lhes desejo. Cá por mim, livre da guerra e dos meus males, vou para casa celebrar as Dionísias, no campo.

ANFÍTEO

E eu, vou cavar. Aí vêm os Acarnenses. (*Entra o Coro dos Acarnenses.*)

CORO

Vamos, todos por aqui. Persigam-me esse fulano, perguntem por ele a todos os passantes. No interesse da cidade, temos de deitar mão a esse tipo. Vá lá, dêem-me uma pista ⁴⁵. Alguém sabe para que lugar da terra se sumiu o fulano com as tréguas? Escapou-se, meteu pernas ao caminho. Ai que desgraça esta, na minha idade! Não era nos meus tempos de rapaz, quando eu, com um saco de carvão às costas, era capaz de acompanhar Faulo ⁴⁶ na corrida, que esse portador de tréguas se escapava tão facilmente à minha perseguição. Por mais lesto que fosse não se safava assim, ó pernas para que vos quero. Mas trôpego como estou, agora que as pernas vão pesando cá ao velho Lacratides, o tipo raspou-se. Temos de ir atrás dele. Não se há-de ficar a rir por ter escapado aos Acarnenses, mesmo velhos como somos. Esse fulano — ó Zeus pai! ó deuses! — fez tréguas com os inimigos, contra quem, dentro de mim, vai crescendo o furor do combate, o ódio, por causa dos meus campos. Não descanso enquanto lhes não varar o corpo com um pau, penetrante, doloroso, enterrado até ao cabo, de maneira que não hão-de voltar a pisar as minhas vinhas.

Vamos, é preciso procurar esse fulano, esquarterar tudo até à... Pedralene ⁴⁷, persegui-lo de terra em terra, até o encontrarmos. Pela minha parte não me hei-de fartar de lhe atirar pedras.

DICEÓPOLIS (*assumando à porta, na companhia de familiares e escravos*)

Silêncio! Silêncio!

CORO

Calem-se todos. Estão a ouvir, meus senhores, este convite ao silêncio? Aí está o fulano que nós procuramos, é aquele mesmo. Vamos, afastem-se todos daqui. É para fazer um sacrifício, ao que parece, que ele vem a sair de casa.

DICEÓPOLIS (*saindo com a sua gente*)

Silêncio! Silêncio! Avança um pouco cá para a frente, tu, a canéfora ⁴⁸. O Xântias que erga o falo bem direito. Pousa aí o cesto, minha filha, para oferecermos as primícias.

FILHA

Mãe, dá-me cá a colher, para eu espalhar o puré em cima deste bolo ⁴⁹.

DICEÓPOLIS

Pronto, está bem assim. Dioniso, meu senhor, que te seja agradável este cortejo que aqui te trago, e os sacrifícios que faço em tua honra com toda a minha gente. Que eu possa celebrar, feliz, estas Dionísias rurais, longe das fileiras, e que essas tréguas que acordei por trinta anos me tragam a felicidade. Vamos, filha, graciosa como és, vais com graça levar esse cesto, com ar de quem come azedas ⁵⁰. Feliz daquele que te levar e te fizer... umas gatinhas ⁵¹, que não te fiquem atrás nuns traquezitos logo pela manhã. Avança, mas muito cuidado, não vá, no meio da multidão, alguém, à socapa, se pôr a roer, pouco a pouco, as tuas jóias ⁵². Xântias, vocês dois aí, tratem de me pôr direito esse falo atrás da canéfora. Sou eu que vou cantar, pelo caminho, o hino fálico ⁵³. E tu, mulher, fica a ver-me do terraço. Vamos lá embora ⁵⁴.

Fales ⁵⁵, companheiro de Baco, seu conviva, noctívago, adúltero, pederasta, ao fim de seis anos ⁵⁶ pude agora saudar-te, de regresso à minha terra, com o coração em festa, depois de ter feito umas tréguas só para mim, livre de questões, de lutas, e de Lâmacos ⁵⁷. Quanto mais doce não é — ai Fales, Fales! — surpreender, com lenha roubada, uma linda lenhadora, Trata, a escrava de Estrimodoro ⁵⁸, de regresso do monte, aferrá-la pela cintura, prendê-la bem, derrubá-la no chão e ... descaroçá-la. Ai Fales, Fales, se vieres beber connosco, depois da bebedeira, amanhã de manhã, hás-de engolir uma boa pratada em honra da paz. O escudo, esse vamos pendurá-lo na lareira ⁵⁹.

CORO

280 É este! É este mesmo! Atira! Atira! Atira! Atira!
(*Arremessam pedras.*) Dá-lhe! Dá nesse malvado! Atira mais!
Atira mais! (*Mais pedradas.*)

DICEÓPOLIS (*tapando a cabeça com a panela que trazia*)

Ora esta! Que vem a ser isto? A panela, vocês vão-me partir a panela! 60

CORO

285 É para ti que são as nossas pedradas, cabeça maldita.

DICEÓPOLIS

Mas porque razão, veneráveis Acarnenses?

CORO

290 Ainda perguntas? Um descarado, é o que tu és, um infame,
um traidor à pátria. E és tu, o único entre nós que fez tréguas,
que ainda te atreves a olhar-me de frente?

DICEÓPOLIS

E porque razão fiz eu essas tréguas, também ouviram dizer?
Não? Então oiçam.

CORO

295 Ouvirmos-te? A ti? Estás perdido. Vamos-te esmagar com
estas pedras.

DICEÓPOLIS

Isso não. Têm de me ouvir primeiro. Parem com isso,
meus caros amigos.

CORO

Não paro nada. Não me venhas com histórias. O meu 300
ódio por ti é mais forte ainda do que por Cléon 61, que eu hei-de
retalhar para fazer calçado para os cavaleiros. Não vou dar
ouvidos a essas histórias sem fim. Fizeste tréguas com os Lacó-
nios, e quem te vai dar o castigo sou eu, olá se vou.

DICEÓPOLIS

Meus caros amigos, deixem os Lacónios em paz. É das 305
minhas tréguas que se trata agora, se foram ou não foram um
bom negócio.

CORO

Como podes falar ainda em bom negócio, quando, de uma
vez por todas, fizeste tréguas com essa gente para quem nada
valem altares, nem pactos, nem juramentos?

DICEÓPOLIS

Mas também sei que os Lacedemónios, contra quem tanto
nos encarniçamos, não têm a culpa de todos os nossos problemas. 310

CORO

Não têm a culpa de tudo, malvado?! Atreves-te a dizer
isso na minha cara, sem papas na língua?! E, depois disto,
ainda te hei-de poupar?

DICEÓPOLIS

Não têm a culpa de tudo, não, não têm. E eu, que vos falo neste momento, posso demonstrar que muitas vezes houve em que foram eles as vítimas.

CORO

315 Esta agora já passa das marcas. É revoltante! Ainda te atreves a defender, na nossa frente, os nossos inimigos?

DICEÓPOLIS

Pois bem! Mesmo que não sejam justas as minhas palavras, nem tenha o povo do meu lado, estou disposto a falar com a cabeça no cepo.

CORO

320 Ora digam-me lá, porque é que o poupamos às pedras, cidadãos? Por que esperamos para pormos esse fulano tinto de púrpura?

DICEÓPOLIS

Que negro tição esse que vos incendeia! Vocês não me querem ouvir, não querem mesmo ouvir-me, Acárnides? ⁶²

CORO

Não te queremos ouvir. Isso é que não.

DICEÓPOLIS

É uma ofensa que tenho de suportar.

46

CORO

Raios me partam, se te dou ouvidos!

DICEÓPOLIS

Por favor, Acárnicos!

CORO

Vais morrer, já sabes, e agora mesmo.

325

DICEÓPOLIS

Pois quem vos vai morder sou eu! É a minha vez de matar os mais queridos dos vossos amigos. Como já aqui tenho os vossos reféns, vou agarrar neles e degolá-los ⁶³. (*Entra em casa.*)

CORO

Mas que é isto? Que ameaça é esta, cidadãos, que ele nos faz a nós, Acarnenses? Será que tem preso lá dentro de casa um filho de algum de nós aqui presentes? ⁶⁴ Se não, o que será que lhe dá assim tanta segurança? 330

DICEÓPOLIS (*saindo de casa com um cesto de carvão e um punhal*)

Atirem, se quiserem. Pela minha parte, vou dar cabo deste cesto aqui ⁶⁵. Agora é que eu vou saber qual de vocês ainda tem algum amor ao carvão.

CORO

Estamos perdidos! Este cesto é da minha terra. Não lhe faça isso que estás a pensar. Não! Por favor! Não!

47

DICEÓPOLIS

335 Vou matá-lo, vou! Vocês podem gritar à vontade, que não vos dou ouvidos.

CORO

Tu vais acabar com esse companheiro de sempre, esse amigo dos carvoeiros?

DICEÓPOLIS

Também as minhas palavras, agora mesmo, vocês se recusaram a ouvi-las.

CORO

340 Pois bem, fala então agora, diz lá qual é a tua ideia. Para começar, os Lacedemónios, como é que eles se tornaram teus amigos? Porque esse cestinho é que eu não hei-de trair nunca.

DICEÓPOLIS

Antes de mais nada, atirem-me essas pedras para o chão.

CORO (*obedecendo*)

Aí as tens no chão. Bom, mas então pousa tu também o punhal.

DICEÓPOLIS

E se aí nos capotes ainda há pedras escondidas?

CORO

345 Já as sacudimos todas para o chão. Estás a ver como eu sacudo o capote? Vamos lá! Deixa-te de rodeios, e pousa

mas é a tua arma. Cá o meu capote, com uma volta, fica sacudido.

DICEÓPOLIS

Pouco faltou para todos vocês desatarem numa gritaria. Por pouco não morreram os carvões do Parnes ⁶⁶ por culpa dos seus concidadãos. Com o medo, o cesto largou-me em cima 350 uma data de fuligem, uma espécie de sépia ⁶⁷. É terrível o feitio destes homens, azedo de natureza. Só pensam em agredir, em gritar, e nunca estão dispostos a discutir frente a frente. Tudo aquilo que eu quero dizer sobre os Lacedemónios, vou 355 dizê-lo com a cabeça no cepo, embora tenha muito amor à vida.

CORO

Quando é que trazes o cepo cá para fora, malvado, e dizes 360 essa coisa tão importante que tens para dizer? Estou ansioso por saber o que anda aí nessa cabeça. Seguindo as condições que tu próprio estabeleceste, põe aí o cepo e toca a falar. 365

(*Diceópolis vai buscar o cepo e coloca-o no meio da orquestra*).

DICEÓPOLIS

Aqui tens o cepo, olha! E aqui está também o homem que vos vai falar, que não é maior do que isto. Fiquem descansados, por Zeus, que não me vou armar de escudo. Só vos vou dizer o que penso sobre os Lacedemónios. No entanto, 370 tenho bons motivos de receio ⁶⁸. Conheço bem a maneira de ser dos nossos aldeões, sei o prazer que sentem em ouvirem gabar-se a si próprios e à cidade, por um parlapatão qualquer, com razão ou sem ela. São estes elogios que os impedem de ver que estão a ser levados. Sei o que vai na cabeça destes velhos, 375 que não vêem outra coisa que não seja morderem com o seu voto. Eu próprio estou bem lembrado das que passei com Cléon, por causa da comédia do ano passado ⁶⁹. Depois de me ter arras-

380 tado a tribunal, atirou-me uma catadupa de calúnias por aquela boca fora, que mais parecia um verdadeiro Cicoboro⁷⁰. Foi um tal lavar de roupa suja, que pouco faltou para eu marchar desta para melhor no meio daquela porcaria toda. Por isso, desta vez, antes de começar a falar, deixem-me vestir a roupa que mais piedade possa inspirar.

CORO

385 Mas porquê esses rodeios e essas engenhocas? Porquê esses artificios e essas demoras? Toma lá, por minha conta, 390 esta cabeleira de Hierónimo, negra, espessa, cerrada, como o elmo de Hades⁷¹; a seguir dá largas a artimanhas dignas de Sísifo⁷². Porque um debate destes⁷³ não pode admitir delongas.

DICEÓPOLIS

É este o momento de reunir todas as minhas forças. Tenho de ir procurar Eurípides. (*Bate à porta do poeta.*) Rapaz! Rapaz!⁷⁴

SERVO

395 Quem é?

DICEÓPOLIS

Eurípides está em casa?

SERVO

Está em casa e não está, não sei se percebes.

DICEÓPOLIS

Como é isso? Está em casa e não está?

SERVO

É isso mesmo, tiózinho. O espírito anda por fora a recolher versinhos, portanto não está em casa. Mas ele está em casa, de pés no ar⁷⁵, a compor uma tragédia.

DICEÓPOLIS

Que felizardo, esse Eurípides! Que escravo ele aqui tem que 400 desempenha tão bem o seu papel! (*Ao Servo.*) Chama-o cá fora.

SERVO

É impossível.

DICEÓPOLIS

Anda lá, tem de ser. Daqui não saio. Vou bater à porta. (*Torna a bater.*) Eurípides! Euripidezinho! Ouve lá, se é 405 que alguma vez deste ouvidos a um mortal. Sou eu, o Diceópolis, que te estou a chamar, eu, da freguesia de Colides.

EURÍPIDES (*de dentro*)

Não tenho vagar.

DICEÓPOLIS

Deixa que te rolem cá para fora⁷⁶.

EURÍPIDES

É impossível.

DICEÓPOLIS

Anda lá.

EURÍPIDES

Bom, vou rodar aí para fora. Não tenho vagar para descer.

(Eurípides é rolado para o exterior.)

DICEÓPOLIS

410 Eurípides!

EURÍPIDES

Que berros são esses?

DICEÓPOLIS

É de pés no ar que tu compões, quando bem o podias fazer com os pés em terra! Não admira que cries personagens coxas. Para que são esses farrapos de tragédia que aí trazes, essa roupa de fazer pena?⁷⁷ Não admira que cries mendigos. Mas,
415 Eurípides, pelos teus joelhos te peço, dá-me um farrapo daquela tua tragédia já antiga. Tenho de fazer ao Coro um grande discurso, que há-de ser a minha morte, se o faço mal.

EURÍPIDES

Que trapos? Serão aqueles com que aqui o Eneu, o velho desafortunado⁷⁸, se apresentou a concurso?

DICEÓPOLIS

420 Não eram os do Eneu, eram de um outro ainda mais infeliz.

EURÍPIDES

E os de Fénix, o cego?⁷⁹

52

DICEÓPOLIS

Não, os de Fénix não. Havia outro ainda mais desgraçado do que Fénix.

EURÍPIDES

Mas afinal, que manto em farrapos é que o tipo está a pedir? Será que te estás a referir aos de Filoctetes, o mendigo?⁸⁰

DICEÓPOLIS

Não. São os de outro muito, muito mais mendigo do que ele. 425

EURÍPIDES

Se calhar queres as roupas imundas que usava Belerofonte, esse coxo que aí está⁸¹.

DICEÓPOLIS

Não eram as de Belerofonte. Eram de um outro, coxo como ele, fala-barato, com uma grande léria.

EURÍPIDES

Já sei quem é o tipo. Télefo da Mísia⁸². 430

DICEÓPOLIS

Esse mesmo, o Télefo. Por favor, dá-me cá os trapos dele.

EURÍPIDES

Ó rapaz! Dá-lhe lá esses farrapos do Télefo. Estão aí em cima dos farrapos de Tiestes⁸³, misturados com os de Ino⁸⁴. Aqui estão, toma lá!

53

DICEÓPOLIS (*recebendo os andrajos*)

435 Ó Zeus que tudo espias e vigias ⁸⁵, faz com que eu envergue a roupa mais miserável que exista. Eurípides, já que me fizeste este favor, dá-me também o resto dos acessórios destes farrapos, 440 o chapelinho mísio ⁸⁶, para pôr na cabeça. Hoje tenho de me fazer passar por mendigo, tenho de ser aquilo que sou, não apenas parecê-lo ⁸⁷. Os espectadores podem saber quem eu sou, mas o Coro tem de ficar aparvalhado, enquanto eu lhe faço o ninho atrás da orelha, com meia dúzia de tretas ⁸⁸.

EURÍPIDES (*passando-lhe o chapéu*)

445 Aqui o tens. Que finura de espírito, que subtileza de ideias!

DICEÓPOLIS

Felicidades! E, para o Télefo, o sucesso que eu espero. Muito bem! Já todo eu sou paleio ⁸⁹. Mas também preciso de um cajado de mendigo.

EURÍPIDES (*dando o cajado*)

Aqui o tens! Toma lá e põe-te a andar destas mansões de pedra.

DICEÓPOLIS

450 Ó coração! Estás a ver como sou corrido desta casa, quando ainda me falta uma data de tralhas! Agora é a tua vez de seres peganhento, pedinchas, crava. Eurípides, dá-me um cestinho bem passado pelas brasas ⁹⁰.

EURÍPIDES

Mas que necessidade tens tu dessa seira, miserável?

DICEÓPOLIS

Necessidade nenhuma. Mas, mesmo assim, quero levá-la. 455

EURÍPIDES (*dando a cesta*)

És um grande chato, sabes? Põe-te a mexer desta casa para fora.

DICEÓPOLIS

Ai, ai! Boa sorte para ti, como teve a tua mãe ⁹¹.

EURÍPIDES

Desaparece da minha vista!

DICEÓPOLIS

Não, ainda não. Dá-me só mais uma coisa, uma só: uma escudelazinha que esteja esbeijada.

EURÍPIDES

Raios te partam! Pega lá! (*Entrega-lhe a escudela.*) 460 E fica a saber que estás a incomodar, aqui na minha casa.

DICEÓPOLIS

Não, por Zeus, tu não sabes o mal que fazes. Vamos lá, Eurípides, minha doçura, só mais uma coisa. Dá-me uma panelinha com uma esponja lá dentro ⁹².

EURÍPIDES

Ó homem, vais-me levar a tragédia toda ⁹³. Toma-a lá 465 (*dá-lhe a panela*) e desaparece daqui.

DICEÓPOLIS

Desapareço já. Mas o que é que eu hei-de fazer? Ainda me falta mais uma coisa e é que se não a arranjo estou arrumado. Ouve lá, Eurípides, minha doçura! Se lhe deito as unhas, ponho-me a mexer e não apareço cá mais. Dá-me umas folhas de couve para eu pôr aqui no cestinho.

EURÍPIDES

470 Dás cabo de mim. Aqui as tens. Lá se me vão as tragédias.

DICEÓPOLIS

Pronto, mais nada. Vou-me embora. Já estou a aborrecer demais, nem reparo que os reis me ganham ódio⁹⁴. Ai, que desgraça a minha! Estou perdido! Fui-me logo esquecer
475 do pomo da questão. Eurípidezinho, minha doçura, meu caro amigo! Raios me partam se te peço mais alguma coisa além desta, esta e só esta. É o cerefólio. Dá-me cá um bocado daquele que herdaste da tua mãe⁹⁵.

EURÍPIDES

Olha a lata do tipo! Fecha as portas desta mansão.

(Eurípides é rolado para o interior da casa. Fecham-se as portas.)

DICEÓPOLIS

480 Ai, coração, tens mesmo de te ir embora sem o cerefólio. Sabes bem como é duro o combate que vais travar muito em breve, quando defenderes os Lacedemónios? Para a frente, coração: chegou a hora⁹⁶. Ficas parado? Não arrancas,
485 mesmo depois de um golezinho de Eurípides? Tens razão. Vamos, meu pobre coração, chega-te lá para aí e oferece a tua

cabeça, mas só depois de dizeres o que pensas. Coragem, vamos! Para a frente! Bravo, coração! *(Volta a colocar-se junto do cepo.)*

CORO

Que vais fazer? Que vais dizer? És um tipo de arrojo, 490 um homem de ferro. Puseste a cabeça à disposição da cidade e vais falar sozinho contra todos nós. E o tipo não se preocupa nada com isso. Vamos, já que assim o queres, fala lá. 495

DICEÓPOLIS

Não levem a mal, espectadores, que eu, um mendigo, vá falar aos Atenenses a respeito da cidade, numa comédia. Porque o que é justo também é do conhecimento da comédia. Ora o que eu vou dizer é arriscado, mas é justo. Desta vez, Cléon não me pode acusar de dizer mal da cidade na presença de estrangeiros⁹⁷. Estamos sós, este é o concurso das Leneias⁹⁸, não há estrangeiros presentes. Nem é altura de virem os impostos nem os aliados das suas cidades. Agora estamos sós, a final-flor. Sim, porque os metecos são a palha⁹⁹ dos cidadãos, acho eu. Pois bem, eu detesto os Lacedemónios. Que Posídon, o deus do Ténaro, com um tremor de terra, lhes derrubasse as casas, a todos eles¹⁰⁰! Também eu tenho as minhas vinhas cortadas. Mas já que só aqui estão amigos a ouvirem as minhas palavras, porque é que atiramos com as culpas de tudo isto para cima dos Lacónios? Havia entre nós uns fulanos — não me
500 estou a referir à cidade (fixem bem isto, não é à cidade que me estou a referir!) — uns tipinhos miseráveis, de mau quilate, uns infames, que não valem nem um tostão furado, meios estrangeirados, que denunciavam «os mantozinhos de Mégara». Onde quer que vissem um pepino, uma lebre, um leitão, um dente de alho, ou um grão de sal, punham-se a dizer: «Isto é de Mégara» e naquele mesmo dia vendia-se tudo¹⁰¹. Estes eram casos sem importância e correntes na nossa terra. Mas uns rapazes de viagem para Mégara metem-se nos copos durante o jogo do
505 cótabo¹⁰² e roubam a cortesã Simeta¹⁰³. Então os Megarenses, espicaçados¹⁰⁴ pelo desgosto, roubam a Aspásia, como

represália, duas cortesãs. E foi assim que estalou a guerra em
530 toda a Grécia, por causa de três prostitutas. Irritado com o
facto, Péricles o Olímpico ¹⁰⁵, lançou o raio, fez ouvir o trovão,
pôs a Grécia em polvorosa e estabeleceu leis redigidas à maneira
de cantilenas: «Que nem em terra, nem em praça, nem no mar
535 ou continente, permaneça o Megarense» ¹⁰⁶. Entretanto os
Megarenses, quando a fome, passo a passo, foi chegando, pedi-
ram aos Lacedemónios que conseguissem a revogação do tal
decreto feito por causa das prostitutas. Mas nós não atendemos
os seus pedidos insistentes. E assim começou o alarido dos
540 escudos. Pode haver quem diga: «Não era preciso tanto.»
Mas então o que é que era preciso, digam lá? Ora vejamos:
se um lacedemónio viesse por aí fora num navio e pusesse à
venda um cãozinho dos Serífios que tivesse encontrado, vocês
deixavam-se ficar sossegadinhos em casa? ¹⁰⁷ Não faltava mais
nada! Tratavam mas é de pôr logo no mar trezentos navios
545 e a cidade enchia-se do tumulto dos soldados, de gritaria a res-
peito do trierarco ¹⁰⁸. Pagavam-se os salários, douravam-se
as estátuas de Palas, o mercado animava-se com a algazarra
geral, media-se o grão. E eram odres, correias para os remos,
550 gente a comprar pipos, alhos, azeite, réstias de cebolas, coroas,
sardinhas, flautistas, narizes esmurrados. No estaleiro, aplai-
navam-se os remos, rangiam as cavilhas, prendiam-se as correias
nas portinholas, e eram flautas, vozes de comando, apitos, asso-
555 bios ¹⁰⁹. Era isto, tenho a certeza, que vocês faziam. E o
Télefo também, não é o que estamos a pensar? Juizinho é o
que nos falta.

PRIMEIRO SEMICORO

Ai ele é isso! Safado, patife! E és tu, um mendigo, que
te atreves a falar assim na nossa frente? Se houve algum sicofanta,
tu ainda o insultas? ¹¹⁰

SEGUNDO SEMICORO

560 Por Posídon, tudo o que ele diz é verdade. Não há, nas
suas palavras, sombra de mentira.

PRIMEIRO SEMICORO

E lá por ser a verdade, era preciso que a dissesse? Mas
não se há-de ficar a rir por ter o atrevimento de fazer tais afir-
mações. (*Arremetem contra Diceópolis.*)

SEGUNDO SEMICORO (*interpondo-se*)

Eh, tu aí! Para onde vais nessa correria? Ora fazes favor
de ficar quieto? Pois bem, se bateres neste homem, és tu que 565
vais pelos ares que é uma pressa.

PRIMEIRO SEMICORO

Eh, Lâmaco ¹¹¹, de olhos faiscantes, vem em meu auxílio,
tu, o do penacho da Górgona ¹¹², aparece. Eh, Lâmaco, meu
amigo e companheiro! ¹¹³ E se aqui há um taxiarco, um estra-
tego ¹¹⁴ ou um defensor das nossas muralhas, que venha em meu 570
auxílio, depressa! que estou para ser vencido! ¹¹⁵ (*Lâmaco
entra de rompante.*)

LÂMACO

Donde veio este grito de guerra que chegou aos meus ouvidos?
Onde é preciso prestar auxílio? Onde é preciso levar o tumulto
do combate? Quem despertou a minha Górgona e a fez sair
do estojo? ¹¹⁶

DICEÓPOLIS

Ó Lâmaco, herói dos penachos e dos batalhões! 575

CORO

Ó Lâmaco, não é que este tipo tem estado a insultar, há
já um pedaço, toda a nossa cidade?!

LÂMACO

Eh tu, um mendigo, como te atreves a falar dessa maneira?

DICEÓPOLIS

Ó Lâmaco, ó herói, perdoa-me se eu, um mendigo, disse para aí algum disparate.

LÂMACO

580 O que é que disseste de nós? Não queres dizer?

DICEÓPOLIS

Já nem sei. Tenho um tal medo dessas armas, que até me dão tonturas. Por favor, chega-me para lá esse espantalho ¹¹⁷.

LÂMACO

Pronto!

DICEÓPOLIS

Pousa-o aí, mas de costas para mim.

LÂMACO

Já está no chão.

DICEÓPOLIS

Tira a pluma do teu elmo e dá-ma cá.

LÂMACO

585 Aqui a tens, a peninha.

DICEÓPOLIS

A minha cabeça, segura-me nela que vou vomitar. Fazem-me náuseas, esses teus penachos.

LÂMACO

Eh tu! Que estás a fazer? É com esta peninha que vais vomitar? Esta peninha é...

DICEÓPOLIS

Diz-me lá, de que pássaro é ela? Do Fanfarronadas ¹¹⁸, não?

LÂMACO

Ah sim?... Vou dar cabo de ti!

590

DICEÓPOLIS

Isso não, Lâmaco! A força não é para aqui chamada. E se és assim tão forte, porque é que não me arreganhaste a coisa? Estás armado até aos dentes!

LÂMACO

E és tu, um mendigo, que falas assim de um estratega?

DICEÓPOLIS

Com que então eu sou um mendigo?

LÂMACO

Mas quem és tu afinal?

DICEÓPOLIS

595 Quem sou? Um cidadão honesto: não sou da raça desses que andam atrás de um tacho. E desde que a guerra começou, sou da raça dos soldados; e tu, desde que a guerra começou, és da raça dos que se fazem pagar ¹¹⁹.

LÂMACO

Mas se eu fui eleito...

DICEÓPOLIS

...por três araras! ¹²⁰ Foi por estar farto dessas e de outras, 600 que eu fiz tréguas, ao ver homens de cabelos brancos nas fileiras, e moços como tu a escapulirem-se ¹²¹. Uns estão na Trácia com um soldo de três dracmas, uns Tisámenos, uns Fenipos, uns traulhas de uns Hipárquides ¹²²; outros junto de Cares, 605 outros com os Cáones ¹²³, uns meios Geres, meios Teodoros, uns gabarolas de Diomia ¹²⁴, outros na Camarina, outros em Gela, e outros em 'É de rir com ela' ¹²⁵.

LÂMACO

Mas se eles foram eleitos!

DICEÓPOLIS

Mas por que motivo hão-de vocês sempre, seja de que maneira for, receber soldadas dessas, que é coisa que nenhum destes recebe? (*Aponta o Coro*) Em boa verdade, ó Maríledes ¹²⁶, 610 tu, com os teus cabelos brancos, já foste embaixador uma só vez que fosse? Estás a ver, ele diz que não com a cabeça. E no entanto é um homem sensato e trabalhador. E vocês, Antracilo, Eufórides, Prínides? Já algum de vocês viu Ecbátanos ¹²⁷ ou a Caónia? ¹²⁸ Não — dizem eles. Isso está bem para o filho 615 de Césira ¹²⁹ e para Lâmaco, que, ainda não há muito tempo,

nem as contribuições nem as dívidas pagavam. De maneira que os amigos todos lhes diziam «Desanda daqui!», como quem, à tardinha, despeja a água suja em que tomou banho.

LÂMACO

Ó democracia, será que se tem de aturar uma coisa destas?

DICEÓPOLIS

De modo nenhum, claro, a não ser que Lâmaco receba por isso um bom salário!

LÂMACO

Pois bem, por meu lado hei-de lutar até ao fim contra os 620 Peloponésios, todos sem excepção: hei-de fazê-los tremer seja em que canto da terra for, ou com os meus navios ou com a infantaria, com todas as minhas forças. (*Retira-se.*)

DICEÓPOLIS

Pois eu cá por mim, proclamo aqui o meu convite a todos os 625 Lacedemónios, Megarenses e Beócios: que venham ao mercado negociar comigo..., mas com Lâmaco não. (*Entra em casa.*)

CORO

Este homem saiu vencedor com a sua argumentação, pois soube levar o povo a mudar de ideias em relação às tréguas. É altura de tirarmos os mantos ¹³⁰ e passarmos aos anapestos. Desde que dirige coros de comédia, o nosso poeta nunca se apresentou perante o público para gabar o seu talento. Mas como 630 foi acusado pelos inimigos perante os Atenenses, sempre prontos a tomarem decisões, de, nas comédias, maltratar a nossa

cidade e o seu povo, ele sente a necessidade de hoje, aqui, responder a esses ataques perante os Atenenses, sempre prontos a mudarem de decisões¹³¹. Afirmo o poeta ter-vos prestado muitos e bons serviços, ao impedir que vocês fossem redondamente enganados por discursos de estrangeiros, que se deixassem levar por lisonjas, que se tornassem numa gente mole. Dantes, os embaixadores das cidades, quando vos queriam enganar, começavam por vos chamar «povo coroado de violetas»¹³². Mal tais palavras eram ditas, vocês ficavam logo de rabo alçado lá com a história das coroas. Quem quer que fosse que, para vos espicaçar a vaidade, chamasse «lustrosa» a Atenas, conseguia tudo com esse «lustrosa», por vos dar um epíteto próprio de sardinhas. Foi este um dos muitos serviços que vos prestou o poeta, além de ter provado o valor da democracia para os povos das cidades aliadas. Por isso, hoje em dia, quem vos vem pagar o tributo¹³³, sente o desejo de ver esse poeta por excelência, capaz de se arriscar a dizer a verdade aos Atenenses. Foi por isso, por causa dessa audácia, que a sua fama já chegou longe; a ponto que até o Rei¹³⁴, para pôr à prova a embaixada dos Lacedemónios, começou por lhes perguntar qual dos dois povos era mais poderoso pela sua armada, e depois a qual dos dois dirigia o tal poeta mais ataques¹³⁵. Esse povo é de longe superior, dizia ele, e o que tem mais possibilidades de ganhar a guerra, se o tomar por conselheiro. Ora aí está por que os Lacedemónios vos propõem a paz, mas exigem Egina¹³⁶. E não é a ilha em si que os preocupa: o que eles querem é apanhar-vos o tal poeta. Mas vocês não o deixem partir, porque nas comédias há-de sempre defender a justiça. Diz ele que vos há-de ensinar muitas coisas boas, a felicidade por exemplo, sem vos lisonjear, sem vos prometer dinheiro, sem vos ludibriar nem um pouco que seja, sem traluhices nem catadupas de elogios. Mas que vos há-de ensinar onde está o bem. Depois disto, que Cléon promova e arquitecte contra mim toda a casta de perseguições. O bem e a justiça hão-de ser os meus aliados, e não me hão-de apanhar nunca, como a ele, a ser cobarde ou invertido para com a cidade.

665 Vem cá, Musa de Acarnas, impetuosa, ardente como fogo, plena de vigor. Como das brasas do carvalho salta uma chama

atizada pelo sopro favorável do abanador, quando se tem à mão peixes para fritar, ou quando se mexe um molho de Tasos, com os seus anéis brilhantes de gordura, ou se amassa o pão, assim vigorosa vem até mim, teu concidadão, com o teu canto bem timbrado, de tom rústico.

Nós os velhos, os antigos, temos uma censura a fazer à cidade. Não encontramos junto de vós, na velhice, o tratamento devido a quem combateu no mar. Temos passado maus bocados. Agora, na velhice, vemo-nos implicados em processos e, com a vossa permissão, somos gozados por oradores ainda moços, contra quem não somos nada, com o nosso ouvido duro e voz de cana rachada. Posídon, o deus protector¹³⁷, é o nosso único bordão. A titubarmos de velhice, ali ficamos junto à tribuna, sem vermos outra coisa que não sejam as trevas em que se debate a justiça. Entretanto o jovem que deu tudo por tudo para ser procurador da justiça¹³⁸, atira-se a toda a pressa sobre nós, num duro combate de palavras. Depois faz-nos subir ao estrado e criva-nos de perguntas, em que cada palavra é uma armadilha. E ali somos nós, como Titono¹³⁹, feitos em pedaços, torturados, atormentados. O pobre do velho lá vai resmoneando, para acabar por sair dali com uma multa às costas. Então rompe em soluços, fica lavado em lágrimas e diz para os amigos: «O dinheiro com que eu devia pagar o meu caixão, é para pagar a multa com que saio daqui.» Será que é justo liquidar assim um velho de cabelos brancos, em frente de uma clépsidra¹⁴⁰, depois de ter passado tantas canseiras, depois de ter enxugado mil vezes o suor quente e viril do rosto, depois de ter sido um herói em Maratona para defender a sua cidade? Nos tempos de Maratona, éramos nós os perseguidores; agora somos perseguidos por uns miseráveis, e mais ainda, saímos derrotados. Contra isto será que mesmo um Márpsias¹⁴¹ teria alguma coisa a dizer?

Como se pode aceitar que um homem já curvado, na idade de Tucídides¹⁴², se veja feito em frangalhos nas mãos de um vindo do deserto, um cita, o filho de Cefisodemo, esse procurador fala-barato?¹⁴³ Foi de tal ordem que me deixou incapaz de reter as lágrimas, ao ver o pobre do velho maltratado por um archeiro, um homem, por Deméter, que, nos seus tempos

de verdadeiro Tucídides, não teria facilmente aturado nem a
710 própria Acaia¹⁴⁴. Dantes, teria batido dez Euatlos que fosse,
com os seus berros teria ensurdecido dez mil archeiros, com as
suas setas teria derrotado os parceiros do pai do tal fulano.
Ora já que vocês não querem deixar os velhos dormirem em paz,
decretem ao menos que os processos sejam organizados de modo
715 que a um velho se oponha um procurador velho e desdentado
como ele, e aos jovens um cu-às-escâncaras e um fala-barato
como o filho de Clíneas¹⁴⁵. Em conclusão: sob pena de castigo
para quem o não cumprir, que o velho seja vencido pelo velho,
e o novo pelo novo.

*(Diceópolis sai novamente de casa. De chicotes na
mão, traça limites diante da sua porta.)*

DICEÓPOLIS

720 Estes são os limites do meu mercado. Aqui podem negociar
todos os Peloponésios, Megarenses e Beócios, com a condição
de me venderem só a mim, ao Lâmaco não. Como fiscais do
meu mercado ficam encarregadas, por sorteio¹⁴⁶, estas três
725 correias... de Escorcha¹⁴⁷. Aqui é proibida a entrada a sicofan-
tas¹⁴⁸ ou a qualquer outro tipo da Espíonia¹⁴⁹. Por agora
vou buscar a tabuleta com as tréguas, para a pôr bem à vista
no mercado. *(Volta a entrar em casa.)*

*(De saco às costas, entra o Megarense, seguido
de duas jovens, suas filhas.)*

MEGARENSE¹⁵⁰

730 Biba, mercado de Atãnas, amigo dos Megarenches! Que
choidades eu tinha de ti! Por Zeus, chenhora da amijade, choida-
des, ... que nem de uma mãe! Bamos, povres filhinhas de um pai
desgrachado, chubam para aqui¹⁵¹, para ber che arranjam um
naco de pão, se entxergam algum. Oicham lá, dêem-me cá
atenção, barriguinhas vajas¹⁵². O que é que vochês pro-
ferem? Cherem bendidas ou arrebtarem de fome?

FILHAS

Chermos bendidas! Chermos bendidas!

735

MEGARENSE

Tamém chou da mesma opinião. Mas quem cheria achim
tam vuro, que vos foche comprar a vochês?! Um prejuízo,
tá-se mesmo a ber! Mas ando cá a engenhar uma à moda dos
Megarenches¹⁵³. Bou-bos disfarchar de leitonjinhos e depois
digo que bos trouche ao mercado. Ponham lá echescos de 740
porco, para pracher que chois filhas de uma boa porca. Chim,
carachas, que che eu bos bolto a lebar pra caja por bender,
atão é que habeis de esprementar o que é larica. Bamos, ponham
lá tamém estes fochinhos, e enfiem-che aqui p'rò chaco. *(As 745*
raparigas entram no saco.) Icho mesmo! E agora toca a grunhir
e a fajer coí, pra fingirem os berros dos porcos pròs mistérios¹⁵⁴.
E eu bou tchamar o Dicheópolis, cheja lá donde for. Dicheópolis,
queres comprar umas porquinhas?

DICEÓPOLIS *(reaparecendo)*

O que vem a ser isto? Um tipo de Mégara aqui?

750

MEGARENSE

Biemos ao mercado.

DICEÓPOLIS

E então, como têm passado por lá?

MEGARENSE

Arrebtamos de fomaça ao canto da lareira.

DICEÓPOLIS

Ah, mas isso é um regalo, olá se é! E então com uns toquezinhos de flauta! ¹⁵⁵ E que mais fazem vocês por lá agora, em Mégara?

MEGARENSE

755 O que che pode. Quando eu de lá chaí e meti pernas ao caminho, andavam os do conchelho a rejober as coijas da cidade. Estamos arrumadinhos, já che chabe, não há-de faurtar muito.

DICEÓPOLIS

Assim acaba-se com os vossos problemas num instante.

MEGARENSE

Lá icho é!

DICEÓPOLIS

E que mais há lá por Mégara? A como está o trigo?

MEGARENSE

Lá na minha terra está de se lhe tirar o chapéu, que nem aos deujes ¹⁵⁶.

DICEÓPOLIS

760 É sal que aí trazes?

MEGARENSE

Não. A eche não lhe deitaram vochês a unha? ¹⁵⁷

68

DICEÓPOLIS

Então, são alhos?

MEGARENSE

Alhos? Aquais? Não chão vochês chempre que, nas invajões, lhes arrancam os dentes da terra com um pau, que nem ratos de campo?

DICEÓPOLIS

Mas afinal o que é que trazes aí?

MEGARENSE

Umás porquinhas, é o que eu trago. Como as dos mistérios ¹⁵⁸.

DICEÓPOLIS

Ótimo! Mostra lá!

765

MEGARENSE *(abrindo o saco)*

Chão mesmo uma beleza. Ora bê lá o pejo desta, che queres. Gordinha, uma beleza.

DICEÓPOLIS *(depois de apalpar)*

Mas o que vem a ser isto?

MEGARENSE

Uma porquinha, ora essa!

69

DICEÓPOLIS

Que é que estás tu a dizer? De que terra é ela, esta porca?

MEGARENSE

De Mégara. Mas atão, isto aqui achim não é uma porquinha?

DICEÓPOLIS

A mim não me parece nada.

MEGARENSE

770 Echa é boa! Ora bejam bem, uma dúvida achim! Diz ele atão que isto não é uma porquinha. Pois, che quijeres, aposta comigo uma medida de tomilho com chal, a ber che isto é ou não é aquilo que se tchama 'porquinha' em grego.

DICEÓPOLIS

Mas é uma porquinha de gente.

MEGARENSE

775 Ah pois é, por Díocles¹⁵⁹, pois se ela é minha! De quem penchabas tu que ela era? Olha, queres ouvi-la tchiar?

DICEÓPOLIS

Poça, se quero!

MEGARENSE

Grunhe lá deprecha, porquinha! Queres ou não queres? Ficas calada? Um raio que te parta! Torno-te a lebar pra caja, cum raio, ai icho torno.

FILHA

Coí! Coí!

MEGARENSE

É uma porquinha ou não é?

DICEÓPOLIS

Agora sim, parece uma porquinha. E, quando for grande, há-de ser uma pássara.

MEGARENSE

Mais uns chinco anos — fica-te com esta! —, há-de cher a mãe tchapada.

DICEÓPOLIS

Mas não pode ser sacrificada assim tal-qual.

MEGARENSE

Homessa! Não pode cher chacrificada porquê?

DICEÓPOLIS

Porque não tem ... o penduricalho.

MEGARENSE

É muito nova pra icho. Mas quando crecher, há-de ter um grande, grocho, bermêlho. Mas che for pra criar, tens aqui esta porquinha que é uma beleza.

DICEÓPOLIS

Mas que pássara tão parecida que ela tem com a outra!

MEGARENSE

790 É que é filha da mesma mãe e do mesmo pai. Quando engordar e che entcher de pêlo, há-de cher uma porquinha que é uma beleza, pra chacrificar a Afrodite.

DICEÓPOLIS

Onde é que já se viu sacrificar porquinhas a Afrodite?!

MEGARENSE

795 Não se chacrificam porquinhas a Afrodite? É mesmo chó a ela, dos deujes todos! E mais, a carne destas porquinhas é um regalo, achadinha no espeto.

DICEÓPOLIS

Já estão na altura de comerem sem a mãe?

MEGARENSE

Chim, ora echa, e chem o pai também.

DICEÓPOLIS

E o que é que esta come melhor?

MEGARENSE

800 Tudo o que lhe deres. Ora pergunta-lhe tu.

72

DICEÓPOLIS

Porquinhas! Porquinhas!

FILHAS

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Será que são tomates ¹⁶⁰ que vocês comem?

FILHAS

Coí! Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Ah, sim? E uns figinhos de Fíbalis? ¹⁶¹

FILHAS

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS (*dirigindo-se à outra*)

E tu, então? É figos que comes, tu aí?

FILHA

Coí! Coí!

DICEÓPOLIS

Que gritos agudos que vocês dão à palavra 'figos'! Tra- 805 gam-me aí de dentro uns figos para estes amores de porquinhas. (*Trazem os figos. Diceópolis distribui-os.*) Será que os vão

73

comer? Ena pá! Que ranger de queixadas, por Hércules venerável! ¹⁶² De que terra são estas porquinhas? Da Papagónia ¹⁶³, está-se mesmo a ver.

MEGARENSE

810 Bá lá, afinal não paparam os figos todos. Chempre concheguei apanhar um cá prò rapaz.

DICEÓPOLIS

Coa breca, que par de bichinhos bonitos tu aqui tens!... Por quanto me vendes estas porquinhas? Diz lá.

MEGARENSE

Esta aqui por uma réstia de alhos, e aquela, che também a quijeres, por uma litrada de chal, nem mais nada ¹⁶⁴.

DICEÓPOLIS

815 Negócio arrumado. Ora espera lá! (*Entra em casa.*)

MEGARENSE

Ora pronto. Por Hermes, deus do comércio, oxalá eu concheguisse bender achim a minha mulher... e até a minha mãejinha!...

(*Entra um sicofanta*)

SICOFANTA

Ó tiozinho! De que terra vens tu?

MEGARENSE

Chou bendedor de porquinhas. Benho de Mégara.

SICOFANTA

Pois bem, essas porquinhas vou denunciá-las como inimigas, ⁸²⁰ e a ti também. (*Deita a mão ao saco.*)

MEGARENSE

Chó faurtaba mais esta! Cá temos nós outra vez a rajão da minha desgráchia!

SICOFANTA

Ainda hás-de chiar com as tuas megarices. Largas o saco ou não largas?

MEGARENSE

Dicheópolis! Ó Dicheópolis! Querem-me chicofantar!

DICEÓPOLIS (*reaparecendo*)

Quem? Quem é que te vai denunciar? (*Agarra nos chicotes.*) Guardas, corram com os sicofantas daqui para fora. ⁸²⁵ E tu, o que é que tu sabes? Que é que vais pôr a claro sem lanterna? ¹⁶⁵

SICOFANTA

Então não hei-de denunciar os inimigos?

DICEÓPOLIS

Vais ver uma fona, se não desandas daqui! Trata de ir pregar a outra freguesia com as tuas denúncias.

MEGARENSE

Isto é que é uma desgraçhia! Aqui em Atenas, é chó gente desta laia.

DICEÓPOLIS

830 Coragem, Megarense! Aqui tens o preço das porquinhas. Toma lá os alhos e o sal. Adeusinho! Boa sorte!

MEGARENSE

Ichó é coija que não se uja lá na nocha terra.

DICEÓPOLIS

Já meti o bedelho onde não sou chamado. Raios me partam!

MEGARENSE

835 Minhas porquinhas, bejam lá se entxergam, longe do vocho pai, uma butcha com chal — che é que arranjam quem bo-la dê!

CORO

840 É um felizardo este homem! Não ouviste como levou por diante os seus planos? Agora é só colher os frutos, sentado no mercado. Que apareçam por aí os Ctésias¹⁶⁶ ou outros sicofantas quaisquer! Se cá poisam o pé, hão-de levar que contar. Ninguém no mundo será capaz de te burlar com os preços das mercadorias, nem Prépis¹⁶⁷ te poderá emporcalhar com as mariquices do costume, nem hás-de apanhar pela frente tipos da laia de Cleónimo¹⁶⁸. Bem podes andar por aí de roupa limpa, sem o risco de tomares com um Hipérbolo¹⁶⁹ que te empeste de processos. Estás livre de esbarrar na praça com Cratino¹⁷⁰, nas suas passeatas, e que ele venha ao teu encontro com os eternos cabelos cortados... à galã, com uma navalha; ou esse mise-

850

rável do Ártemon¹⁷¹, autor de música atamancada, a cheirar mal dos sovacos como o pai, esse... Bodunense. Decerto que não se há-de voltar a rir de ti, no teu mercado, Páuson¹⁷², esse bandalho, e o Lisístrato¹⁷³, a vergonha de Colarges, um tipo encharcado em vícios, que, por hábito, passa frio e fome mais de trinta dias por mês. 855

(Entram um Tebano e o seu escravo, seguidos de um cortejo de tocadores de flauta)

TEBANO

Ai Hércules!¹⁷⁴ Estou aqui com o ombro que na posso. Poisa-me aí esse poêjo, Ismínias. Cuidado! E vocês todos, que desde Tebas vêm tocando atrás de nós, vão lá, amais as gaitas, para um raio que vos parta. 860

DICEÓPOLIS *(arremetendo para os flautistas)*

Basta! Vão-se enforçar! Suas vespas, vocês desandam da minha porta ou não desandam? Donde virão a voar estes Ceridezinhos todos?¹⁷⁵ Um raio que os parta! E vá de virem aqui para a minha porta, com os seus zumbidos de cana rachada. *(Retiram-se os tocadores de flauta.)* 865

TEBANO

Por Iolau¹⁷⁶, obrigadinho, estrangêro! Desde Tebas que eles vinham a assoprari atrás de mim. E atão na é que até no chão me chimparam cas flores do mê poêjo?! Mas se quiseres, podes comprari do que aqui traigo, estes franguinhos ou estes gafanhotos¹⁷⁷. 870

DICEÓPOLIS

Ora viva, seu beociozinho papa-boroa¹⁷⁸. Que é que trazes aí?

TEBANO

875 Todas as especialidades lá de Tebas, nê mais nê menos:
orégão, poêjo, estêras, mêchas, patos, gralhas, perdizes, gali-
nholas, carriças, mergulhões...

DICEÓPOLIS

É uma verdadeira rajada de pássaros, a tua vinda aqui ao mercado.

TEBANO

880 Tamém trago gansos, lebres, raposas, topêras, oriços, gatos,
arminhos, fuinhas, lontras, enguias do Copais¹⁷⁹.

DICEÓPOLIS

Tu que trazes aí esse peixe, o melhor pitêu que há no mundo, deixa-me cumprimentá-las, se é que as trazes mesmo, essas enguias-zinhas.

TEBANO (*abrindo um cesto*)

Tu, a primêra das cinquenta filhas do Copais¹⁸⁰, salta cá pra fora, vem fazeri auga na boca aqui ao estrangêro.

DICEÓPOLIS

885 Ó minha querida amiga há tanto desejada, vieste enfim
— e que saudades! — ao encontro dos coros de comédia, tu,
a amada de Mórico¹⁸¹. Rapazes, tragam cá o fogareiro e o
abanador. Vejam só, meninos, esta enguia, se não é uma beleza!
890 Aqui a temos depois de sete anos de saudades sem fim. Cumprim-
mentem-na, meus filhos. O carvão fica por minha conta, em
honra desta estrangêira. (*A um escravo*) Vamos, tu, leva-a

lá para dentro. Nem a morte me há-de afastar de ti¹⁸², tem-
peradinha com acelga.

TEBANO

Atão e a mim, quanto me dás por elas?

895

DICEÓPOLIS

Como imposto de venda, essa és tu que ma vais oferecer.
Mas se tens aí mais alguma coisa para feirar, podes dizer.

TEBANO

Atã não? Tudo isto aqui.

DICEÓPOLIS

Ora bem, quanto queres por isso? Ou vais levar para casa
outras mercadorias das nossas?

TEBANO

Atã levo o que houver em Atenas que na haja na Beócia. 900

DICEÓPOLIS

Ou seja, vais comprar e levar para casa anchovas de Falero¹⁸³
ou loiça.

TEBANO

Anchovas ou lôça? Disso temos lá nós. Mas há uma
coisa que lá na temos e que na falta aqui.

DICEÓPOLIS

905 Ah pois, já sei! Trata de levar um sicofanta, embrulhadinho como se fosse loiça.

TEBANO

Pelos dois deuses!¹⁸⁴ Se o levarei, boa maquia hei-de fazeri co eli, esse macacão chêo de manhas.

DICEÓPOLIS

Olha, aí vem o Nicarco à coca de qualquer coisa.

TEBANO

Dez rês de gente, o tipo.

DICEÓPOLIS

Mas cheio de peçonha.

NICARCO

910 De quem são estas mercadorias?

TEBANO

São minhas, de Tebas, assim Zeus me salvi.

NICARCO

Pois bem, vou denunciá-las como inimigas.

TEBANO

O quei? Que mali te fizeram estes passarinhos, pra te meteres em guerras e lutas com eles?

80

NICARCO

E mais, vou-te denunciar a ti também.

TEBANO

Atã ... mas que fiz eu de mali?

NICARCO

Vou-te dizer, em atenção aos presentes¹⁸⁵. Meteste cá 915 uma mecha dos inimigos.

DICEÓPOLIS

Com que então «vais pôr as coisas a claro» por causa de uma mecha?¹⁸⁶

NICARCO

É que ela bem pode ir incendiar o arsenal.

DICEÓPOLIS

O arsenal?... Uma mecha?...

NICARCO

É isso mesmo.

DICEÓPOLIS

Mas como?

NICARCO

Qualquer beócio podia enfiá-la numa cana, chegar-lhe o 920 fogo e fazê-la entrar no arsenal por uma conduta de água, aproveitando um vento forte¹⁸⁷. E se o fogo tomava conta dos navios todos de uma vez, ardia tudo num instante.

6

81

DICEÓPOLIS

925 Raios te partam! Com que então ardia tudo por causa de uma cana e de uma mecha!... (*Bate-lhe.*)

NICARCO

Vou arranjar testemunhas.

DICEÓPOLIS (*Ao Tebano*)

Tapa-lhe a boca. Passa cá uma mão-cheia de palha, para eu o levar embrulhado como se fosse loiça, não vá partir-se pelo caminho. (*O Tebano obedece.*)

CORO

930 Embrulha-me aí essa mercadoria como deve ser, meu caro amigo, para o estrangeiro, não vá partir-se pelo caminho.

DICEÓPOLIS

Deixa isso comigo. (*Amarra o sicofanta, apesar dos seus protestos.*) Entretanto ele vai resmungando numa voz de falsete, ainda por cima desagradável aos deuses.

CORO

935 E para que é que ele pode servir?

DICEÓPOLIS

De vasilha para todo o serviço: taça de desgraças, almofariz de processos, lamparina para «aclarar» as prestações de contas¹⁸⁸, tigela para misturar os negócios.

82

CORO

Mas quem é que se pode fiar, na lida da casa, numa vasilha 940 assim, a fazer uma chiadeira dessas?

DICEÓPOLIS

Lá resistente é ela, meu amigo, não parte, mesmo que se 945 pendure pelos pés, de cabeça para baixo.

CORO

Ora aí o tens tu prontinho.

TEBANO

Toca a pegari aí nas minhas tralhas.

CORO

Vamos, pega, estrangeiro, meu caro amigo. Põe-lhes em cima 950 o sicofanta e carrega-as para onde quiseres.

DICEÓPOLIS

Apre! Bem me custou a empacotar esse patife, um raio que o parta! Tu, carrega com ele e põe-te a andar, beócio.

TEBANO

Anda cá, Isminiazinho! Abaixa a cabeça. (*Coloca-lhe no dorso o fardo que contém o sicofanta.*)

DICEÓPOLIS

Vê lá como lhe pegas. Leva-o com cuidadinho. Não é 955 que leves aí alguma coisa que se aproveite, mas enfim! E se

83

tirares algum lucro dessa mercadoria, ficas a dever a tua felicidade aos sicofantas.

(*Sai da casa de Lâmaco um mensageiro do estrategista.*)

MENSAGEIRO DE LÂMACO

Diceópolis!

DICEÓPOLIS

O que há? Porque gritas por mim dessa maneira?

MENSAGEIRO

960 Porquê?!... Foi o Lâmaco que me mandou, para tu lhe cederes uns tordos dos teus para a festa dos Cângios¹⁸⁹, por esta dracma, e por três dracmas uma enguia do Copais.

DICEÓPOLIS

Que Lâmaco é esse, que quer enguias?

MENSAGEIRO

965 O terrível, o invencível, o que brande a Górgona¹⁹⁰ e agita os três penachos do seu elmo¹⁹¹.

DICEÓPOLIS

Não, coa breca! Nem mesmo que ele me desse o escudo! Se quer peixe fumado, «que agite os penachos». E se ele barafustar, eu chamo os fiscais. (*Empunha os chicotes. O Mensageiro de Lâmaco foge.*) Vou mas é pegar nestas mercadorias todas
970 para mim, e vou lá para dentro, ao som das asas dos tordos e dos melros¹⁹².

CORO

Estás a ver, ó cidade, este homem sensato, este poço de sabedoria, e o que ele conseguiu depois de fazer tréguas? Produtos para vender, uns de uso caseiro, outros bons para comer 975
quentes. Sem mexer uma palha, tudo que é bom lhe vem parar às mãos. Em minha casa, nunca mais hei-de acolher a Guerra. Não, na minha presença, à minha mesa, não há-de ela cantar 980
aquela canção de Harmódio¹⁹³. É como um bêbado, um estroina, que se mete numa casa onde reina a felicidade e só arranja sari-lhos. Vira a casa do avesso, deita tudo por terra, mete-se em brigas, e quanto mais se lhe diz: «Bebe! Senta-te! Faz um 985
brinde!», mais ela vai queimando as estacas e, à força, arrancando o vinho das ramadas.

Lá foi ele, sobre asas¹⁹⁴, fazer o almoço, todo inchado. E para mostrar que vive bem, atirou estas penas pela porta fora. Ó companheira de Cípris formosa e das Graças, ó Reconciliação, que beleza de rosto mantinhas escondido!¹⁹⁵ Que um Eros, 990
como aquele que aparece representado com uma coroa de flores, nos unisse, a mim e a ti! Talvez me aches já um tanto velhote... Mas se fosses minha, velho como sou, acho que ainda seria capaz de realizar três tarefas: primeiro, plantar uma grande linha de 995
videiras; depois, junto dela, uns rebentinhos novos de figueira, e, em terceiro lugar, um pé de vinha; e, a toda a volta do campo, plantava oliveiras, para nos podermos untar, tu e eu, no primeiro dia de cada mês¹⁹⁶.

ARAUTO

Senhoras e senhores! Atenção! Segundo um costume 1000
antigo, celebrem-se os Cângios¹⁹⁷ a beber ao som da trombeta. E o primeiro que esvaziar a caneca, receberá um odre, o de Ctesifonte¹⁹⁸.

DICEÓPOLIS (*assomando à porta, mas falando para dentro*)

Rapazes! Mulheres! Não estão a ouvir? O que estão
1005 vocês a fazer? Não ouvem o arauto? Vamos, tratem de me
cozer estas lebres, assem-nas, virem-nas, tirem-nas do forno,
depressa! Entrelacem-me essas coróas. Tragam cá os espetos
para eu enfiar os tordos.

CORO

Invejo o teu bom senso, homem, mas mais ainda essa come-
1010 zaina que aí tens, de fazer crescer água na boca.

DICEÓPOLIS

E o que não será então, quando vocês virem estes tordos
assadinhos!...

CORO

Mais uma vez acho que tens razão.

DICEÓPOLIS

Atiça-me essas brasas.

CORO

1015 Reparaste com que saber culinário, com que requinte de
bom apreciador ele se trata?

(*Entra um lavrador andrajoso*)

LAVRADOR

Ai de mim! Que desgraça a minha!

DICEÓPOLIS

Com mil raios! Quem é este agora?

LAVRADOR

Um desgraçado.

DICEÓPOLIS

Então segue o teu caminho.

LAVRADOR

Ó meu caro amigo, já que és o único que fez tréguas, 1020
arranja-me aí um bocado de paz, nem que seja por cinco anos.

DICEÓPOLIS

O que te aconteceu?

LAVRADOR

Estou arruinado. Perdi a minha junta de bois.

DICEÓPOLIS

Como?

LAVRADOR

Foram os Beócios que mos levaram, de File 199

DICEÓPOLIS

Ó desgraçado! E ainda andas vestido de branco?

LAVRADOR

1025 E eram eles — caramba! — que me sustentavam com aquele estrume todo.

DICEÓPOLIS

Bom, e agora de que é que precisas?

LAVRADOR

Fiquei sem olhos à força de chorar pelos meus bois. Mas, se ainda tens em alguma conta Dercetes de File, vamos, depressa, põe-me aqui nos olhos uma pomadinha... de paz.

DICEÓPOLIS

1030 Pouca sorte a tua! Por azar não dou assistência social.

LAVRADOR

Vá lá, por favor, a ver se eu recupero os meus bois.

DICEÓPOLIS

Não há nada a fazer. Vai-te chorar lá para os de Pítalo 200.

LAVRADOR

Anda lá! Ao menos uma gotinha de paz, só uma. Pinga-ma aqui para esta caninha.

DICEÓPOLIS

1035 Nem gotinha, nem meia gotinha! Vai-te chorar para outro lado.

LAVRADOR

Ai que desgraça a minha! Os meus ricos boizinhos de lavoura! (*Sai.*)

CORO

Este homem encontrou nas tréguas qualquer coisa de delicioso que não quer repartir com ninguém.

DICEÓPOLIS

Vamos, tu, põe mel nesse chouriço! Frita-me esses chocos! 1040

CORO

Estás a ouvir aquela voz de comando?

DICEÓPOLIS

Tratem de assar as enguias!

CORO

Vais-nos matar à fome, a mim e aos teus vizinhos, com essa 1045 fumarada e essa voz. Que gritaria infernal!

DICEÓPOLIS

Assem-nas bem, que fiquem tostadinhas!

(Entra um Padrinho de Casamento)

PADRINHO DE CASAMENTO

Diceópolis! Diceópolis!

DICEOPOLIS

Quem será este?

PADRINHO

1050 Foi um noivo que te mandou estas carnes da boda.

DICEÓPOLIS

Foi muito amável, quem quer que ele seja.

PADRINHO

Em troca das carnes, manda pedir-te, para não ir à guerra, e poder ficar em casa a fazer amor, que lhe deites nesta taça de alabastro um copo de paz, só um.

DICEÓPOLIS

1055 Leva, leva as carnes. Não as quero. Não lho dou — nem por um milhar de dracmas. Mas... essa mulher, quem é ela?

(Entra uma Dama de Honor)

PADRINHO

É a Dama de Honor. Vem da parte da noiva para te dizer qualquer coisa em particular.

DICEÓPOLIS

1060 Bem, o que tens para me dizer? *(A Dama de Honor fala ao ouvido de Diceópolis)* É de rir — coa breca! — o pedido da noiva. Pede-me ela — e com que insistência! — que arranje a que ela conserve em casa... a pilinha do noivo. *(A um escravo.)* Traz-me cá as tréguas. Vou-lhas dar, mas só a ela, porque é

mulher e não tem culpa da guerra. Chega cá o frasco, mulher. Sabes o modo de usar? Diz lá à noiva o seguinte: na ocasião da recruta dos soldados, ela que esfregue, durante a noite, a 1065 pilinha do noivo com isto. Torna a levar as tréguas lá para dentro. Traz-me uma infusa para eu deitar o vinho para a festa dos Cângios.

CORO

E agora cá vem um de sobrolho carregado, como quem 1070 traz notícias graves.

(Entra um Arauto)

ARAUTO

Ó misérias! Ó guerras! Ó Lâmacos! *(Bate à porta do estrategico.)*

LÂMACO *(saindo)*

Quem faz ressoar estas mansões ornadas de bronze?

ARAUTO

Tens de partir ainda hoje, agora mesmo, são as ordens dos estrategos, com os teus batalhões e os teus penachos, para ficares 1075 de guarda aos desfiladeiros, debaixo de neve. Alguém os avisou de que, durante a festa dos Cângios e das Marmitas²⁰¹, uns salteadores beócios vão tentar uma arremetida.

DICEÓPOLIS

Ai estrategos, mais numerosos que poderosos!

LÂMACO

É mesmo aborrecido nem sequer poder celebrar a festa.

DICEÓPOLIS

1080 Pobre exército, a quem toca essa guerra... lamaquense!

LÂMACO

Que infelicidade a minha! E tu a rires-te, ainda por cima.

DICEÓPOLIS

Queres-te bater com um Gerião²⁰² de quatro penachos?

LÂMACO

Ai, ai! Que notícia o arauto me veio cá trazer!

DICEÓPOLIS

Ai, ai! E que notícias me trará aquele fulano que ali vem a correr?

(Entra um Mensageiro com notícias para Diceópolis)

MENSAGEIRO

1085 Diceópolis!

DICEÓPOLIS

O que há?

MENSAGEIRO

Vem depressa para o banquete. Traz a cesta e o cõngio. Foi o sacerdote de Dioniso que te mandou chamar. Vamos, despacha-te! O banquete está já muito atrasado, e por tua causa. Todo o resto está prontinho, leitos, mesas, almofadas, 1090 mantas, coroas, perfumes, guloseimas — e já lá estão as cortesãs! —, tortas, bolos, pãezinhos de sésamo, boroinhas de mel, bailarinas, a cantiga «Querido Harmódio»²⁰³ — tudo pronto há que tempos. Vamos lá, despacha-te, depressa!

LÂMACO

Que desgraça a minha!

DICEÓPOLIS

Também teres gravada aí uma Górgona desse tamanho!²⁰⁴ 1095
(A um escravo.) Fecha a porta. Um de vocês prepare-me o almoço.

LÂMACO *(ao seu escravo)*

Rapaz! Rapaz! Vamos, traz-me cá o alforge!

DICEÓPOLIS *(ao seu escravo)*

Rapaz! Rapaz! Vamos, traz-me cá a cesta!

LÂMACO

Arranja-me um bocado de sal com tomilho, rapaz, e umas cebolas.

DICEÓPOLIS

1100 E para mim umas postazinhas de peixe. As cebolas fazem-me mal.

LÂMACO

Arranja-me também uma folha de figueira com uma conserva, mesmo rançosa.

DICEÓPOLIS

E para mim, rapaz, na folha de figueira, uma empada. Depois eu cozinho-a lá.

LÂMACO

Traz-me cá as duas plumas do meu elmo.

DICEÓPOLIS

E a mim os pombos. Ah! Traz também os tordos.

LÂMACO

1105 Que beleza! Que branca esta pluma de avestruz!

DICEÓPOLIS

Que beleza! Que lourinha esta carne de pombo!

LÂMACO

Ó pá! Acaba lá com essa troça das minhas armas.

DICEÓPOLIS

Ó pá! Deixa-te de cobiçares os meus tordos.

LÂMACO

Traz-me aí essa caixa, a dos meus três penachos.

DICEÓPOLIS

E a mim um pratinho com uns pedaços de lebre. Anda, 1110 dá-mo cá.

LÂMACO

Esta agora! Querem ver que as traças me comeram os penachos!

DICEÓPOLIS

Esta agora! Hei-de comer este guisado antes do almoço?

LÂMACO

Ó homem, fazes-me o favor de não falar mais comigo?

DICEÓPOLIS

Não é contigo que estou a falar. Eu e aqui o rapaz é que temos estado a discutir. Queres fazer uma aposta? Lâmaco 1115 pode ser o árbitro. Quais são mais saborosos, os gafanhotos ou os tordos?

LÂMACO

Ah! Já é preciso descaramento!

DICEÓPOLIS

Os gafanhotos — pensa ele —, e de longe.

LÂMACO

Rapaz! Rapaz! Tira-me a lança cá para baixo e traz-ma aqui.

DICEÓPOLIS

Rapaz! Rapaz! Tira-me o chouriço do lume e traz-mo aqui.

LÂMACO

1120 Bem, vou tirar a espada da bainha. Vamos, moço, segura com força aí desse lado.

DICEÓPOLIS (*passando ao escravo a ponta de um chouriço*)

E tu, moço, segura com força desse lado.

LÂMACO

Traz-me aí o cavalete, o apoio do escudo ²⁰⁵, rapaz.

DICEÓPOLIS

E a mim traz-me boroinhas, o apoio do meu ²⁰⁶. (*Pousa a mão sobre o estômago.*)

LÂMACO

Traz-me cá o escudo, aquele que tem a Górgona, o redondo.

96

DICEÓPOLIS

E a mim dá-me essa torta de queijo, a redonda.

1125

LÂMACO

Ora aqui está uma piadinha sem sal.

DICEÓPOLIS (*ao escravo*)

Ora aqui está uma torta com muito açúcar.

LÂMACO (*ao escravo*)

Deita aqui uma gota de azeite, rapaz. No bronze estou a ver um velho que vai ser perseguido por cobardia.

DICEÓPOLIS

Deita aqui uma gota de mel. Aqui vê-se um velho que ¹¹³⁰ manda àquela parte Lâmaco, o filho de Górgaso ²⁰⁷.

LÂMACO

Traz cá a minha couraça de guerra, rapaz.

DICEÓPOLIS

Tira-me daí também a minha couraça, rapaz, o cônio.

LÂMACO (*vestindo a couraça*)

É com ela que me vou couraçar contra os inimigos.

97

DICEÓPOLIS (*empunhando o cônio*)

1135 É com ela que me vou couraçar contra os convivas.

LÂMACO

Essas mantas, rapaz, prende-mas bem ao escudo.

DICEÓPOLIS

O almoço, rapaz, prende-mo bem ao cesto.

LÂMACO

Vou pegar no alforge para o levar comigo.

DICEÓPOLIS

Pois eu vou pegar no manto e vou-me embora.

LÂMACO

1140 Pega-me aí nesse escudo e toca a andar, rapaz. Está a nevar, coa breca! Está tempo de trovoadas. (*Sai com o escravo.*)

DICEÓPOLIS (*Sai com o escravo.*)

Pega aí no almoço. É tempo de uma boa canecada.

CORO

Toca a andar e boa sorte para a vossa campanha. Bem diferentes são os caminhos que um e outro vão seguir. Ele, de
1145 coroa na cabeça, vai beber uns copos, e tu, transido de frio, vais

fazer a sentinela, e entretanto está ele na cama com uma mocinha na flor da idade, que lhe faz festas... na coisinha.

Esse Antímaco, esse filho... do Perdigoto, o escritor, o poeta 1150 lírico, para falar com franqueza, um raio que o parta! Quando foi corego nas Leneias, mandou-me embora — pobre de mim! — com a barriguinha a dar horas ²⁰⁸. Bem eu gostava ainda de que 1155 ele me viesse pedir para lhe dar uma lula: e ela a avançar, tostadinha, acabada de sair da água e posta no prato. Mas no momento em que o tipo se preparasse para se atirar a ela, que 1160 viesse uma cadela, a agarrasse e fugisse. Este era o primeiro azar, mas ainda lhe havia de acontecer outro, e esse de noite. Que, quando voltasse a casa da equitação, cheio de febre, um Orestes 1165 furioso, bêbado que nem um cacho ²⁰⁹, lhe pregasse um murro na tola. E quando ele quisesse agarrar numa pedra, que, naquele negrume, deitasse a mão a um pedaço de trampa, ali feitinho 1170 de fresco. Mas ao mandar o tiro, havia de falhar o alvo e acertar... em Cratino ²¹⁰.

(*Entra um Mensageiro de Lâmaco.*)

MENSAGEIRO

Ó servos da casa de Lâmaco! Água, aqueçam uma panela 1175 de água. Arranjem ligaduras, uma pomada, compressas, um penso para lhe pôr no tornozelo. O fulano, ao saltar um fosso, magoou-se numa estaca, torceu um pé e desmanchou o tornozelo. Para mais, foi cair em cima de uma pedra, rachou a 1180 cabeça, e acordou a Górgona do escudo. Ao ver a sua pluma de valentão espatifada de encontro às pedras, desatou numa choradeira desgraçada: «Ó sol glorioso, é esta a última vez que te vejo, antes de deixar a luz. Já não sou deste mundo.» Aca- 1185 bou de dizer estas palavras e foi cair num riacho. Põe-se de pé, corre atrás de uns bandidos, de espada no ar, e vai dar de caras com uns desertores. Mas aí está ele em pessoa. Vamos, abre a porta.

(*Entra Lâmaco manquejante, amparado em dois soldados.*)

LÂMACO

1190 Ai! Ai! Ai! Ai!²¹¹ Que horríveis, que terríveis dores!
Que desgraça a minha! Vou morrer, vítima das lanças inimigas.
1195 Mas mais penoso e lamentável seria se Diceópolis me visse ferido
e se ficasse a rir da minha triste sorte.

(Entra Diceópolis radiante, amparado em duas cortesãs.)

DICEÓPOLIS

Ah! Ah! Ah! Ah! Que maminhas estas! Como são
1200 rijas, uns marmelinhos mesmo! Beijem-me com ternura, minhas
jóias, dêem-me beijos sem fim, de língua encadeada. Fui eu o
primeiro a esvaziar o côngio.

LÂMACO

1205 Ó sorte infeliz! Ó desgraça! Ai! Ai! Como estas feridas
me fazem sofrer!

DICEÓPOLIS

Oh! Oh! Viva, Lamacozinho! A cavalo, hem?²¹²

LÂMACO

Que sofrimento horrível o meu!

DICEÓPOLIS *(a uma das cortesãs)*

Porque me beijas?

100

LÂMACO

Que dor a minha!

DICEÓPOLIS *(à outra cortesã)*

Porque me mordiscas?

LÂMACO

Que infelicidade a minha! Que pesado o meu quinhão 1210
neste combate!

DICEÓPOLIS

Então na festa dos Côngios alguém exigia quinhões?

LÂMACO

Ai! Ai! Péan! Péan!

DICEÓPOLIS

Mas que é isso? Hoje não é a festa de Péan²¹³.

LÂMACO

Segurem-me, segurem-me nessa perna. Ai! Ai! Segu- 1215
rem-me, meus amigos!

DICEÓPOLIS

E vocês as duas, segurem-me bem na pilinha, minhas queridas!

101

LÂMACO

Sinto a cabeça à roda da pancada na pedra. Estou com tonturas.

DICEÓPOLIS

1220 E eu quero mas é ir para a cama. Estou em ponto de rebuçado, todo em pulgas para o amor.

LÂMACO

Levem-me lá para fora, a casa de Pítalo ²¹⁴. Entreguem-me nas suas mãos que sabem curar.

DICEÓPOLIS

1225 E a mim levem-me aos juízes. Onde é que está o rei? Passem-me cá o odre.

LÂMACO

Uma lança — que sorte desgraçada! — atravessou-me os ossos. (*Sai amparado.*)

DICEÓPOLIS

Vejam, mais um escorropichado até à última gota. Eferriá! Hurra!

CORO

Eferriá! Já que me convidas, meu velho, hurra!

DICEÓPOLIS

E mais, enchi-o de vinho puro e empinei-o de um trago.

CORO

Hurra, seu valente! Pega no odre e anda lá. 1230

DICEÓPOLIS

Venham comigo. Toca a cantar. Eferriá! Hurra!

CORO

Cá vamos para te fazer a vontade. Eferriá! Hurra!
Vivam, tu e o teu odre!

(*Saem cantando.*)

NOTAS

¹ Os três elementos do composto *ψαμμακοσιογάραρα* concorrem para acentuar a noção de grande quantidade, ideia essa que a própria extensão da palavra sugere. À terminação *-κόσια*, 'às centenas', juntam-se dois substantivos, *ψάμμος* 'areia' e *γάραρα* 'montão'. A nossa tradução é um tanto livre, mas julgo que será a que melhor se enquadra dentro do português coloquial.

² J. VAN LEEUWEN (*Acharnenses*, Leiden, 1968, p. 8) vê neste «vomitar os cinco talentos» uma alusão a qualquer cena apresentada em *Os Babilónios*, no ano anterior, o que não deixa de ser uma hipótese aceitável no conjunto das várias situações de teatro que Diceópolis está a enumerar. No entanto, tal acusação deve ter tido a sua contrapartida histórica e C. E. GRAVES (*The Acharnians*, Cambridge, 1967, p. 52) refere a hipótese de qualquer cobrança de taxas de guerra levada a cabo pelo demagogo (cf. *Eq.* 923-924), e justificada pelos cavaleiros, membros da segunda classe, das quatro instituídas por Sólon. Neste grupo social se incluía quem apurasse das suas propriedades trezentas medidas de grão, e, na opinião de alguns, quem tivesse meios para sustentar um cavalo.

Cléon é o famoso demagogo, sobre cuja pessoa Aristófanes faz reçar um ataque violento contra essa nova classe da sociedade ateniense; cf. *Cavaleiros* e *Vespas*, *passim*.

³ O adjectivo tem neste contexto um duplo sentido. O sofrimento é classificado de 'trágico' por ser 'doloroso' e por ter que ver com a tragédia.

⁴ Em vez da tragédia de Ésquilo, o grande autor do passado, que Diceópolis se preparava para ouvir, o arauto anunciou Teógnis. Mesmo depois da sua morte, Ésquilo continuou a merecer a consideração dos Atenienses, de modo que foi autorizada a reposição a título póstumo das suas tragédias. Para o velho aldeão, pouco valem os trágicos da sua época, se comparados com o mestre do passado (cf. *Ra.*); daí a reacção que manifesta ao ouvir pronunciar o nome de Teógnis. Este poeta é várias vezes citado por Aristófanes como de má qualidade. É-lhe apontada a frieza como defeito mais característico (cf. v. 140, *Th.* 170).

⁵ Pouco sabemos a respeito destes dois nomes. No entanto, GRAVES (*op. cit.*, p. 53) cita o escoliasta que, a propósito de Dexíteo, comenta *ἄριστος*

κίθαρωδός καὶ Πυθιονίκης, «o melhor citarista, vencedor nos jogos Píticos». Em contrapartida do desapontamento anterior de Diceópolis, fala-se agora do seu entusiasmo pela sucessão de Dexíteo, um favorito da lírica, a Mosco, um mau executante. Aquele vem entoar um Βούωτιον (sc. μέλος), 'um canto à maneira beócia'.

⁶ Cérís é várias vezes referido por Aristófanes como um mau flautista (cf. v. 866, *Pax* 951, *Av.* 857). O hino órtio que essa personagem executava era um hino guerreiro.

⁷ A assembleia, inicialmente, reunia-se apenas uma vez por prítania, o que correspondia a dez sessões por ano. Com o desenvolvimento do regime democrático houve necessidade de multiplicar o número de assembleias, que chegaram a ser quarenta em cada ano. Aquela que outrora era a única foi designada por 'principal', *κυρία ἐκκλησία*, e as suplementares receberam a designação de *νόμιμοι ἐκκλησίαι*, 'assembleias legais' (vide G. GLOTZ, *La cité grecque*, Paris, 1968, p. 167).

⁸ A Pnix é uma colina dentro da cidade de Atenas, que foi, depois da ágora, o local escolhido para a assembleia do povo.

Russo (*op. cit.*, p. 78) identifica cenicamente a Pnix com o espaço da orquestra. Ainda segundo o mesmo autor, os membros da assembleia ficarão sentados de costas para o público, de modo que os oradores estejam à sua frente. Assim os espectadores, nomeadamente os verdadeiros prítanes de Atenas, sentados na primeira fila do anfiteatro, poderão sentir-se identificados com os participantes da assembleia realizada na orquestra. Parece sensata esta sugestão, que releva as personagens falantes, arauto e oradores, sobre as mudas, a massa do povo.

⁹ Esta corda encharcada em vermelhão era um processo de castigar, assinalando-os publicamente, os ausentes da assembleia, numa altura em que o desinteresse pelos assuntos políticos começava a generalizar-se. Quem exibisse a marca do vermelhão era penalizado com uma multa.

¹⁰ Os prítanes eram os representantes das várias tribos no Conselho da cidade, onde exerciam funções directivas. A eles cabia igualmente a presidência da assembleia, o que os colocava no papel de intermediários entre esses dois órgãos governativos. Vide G. GLOTZ, *op. cit.*, pp. 198-200.

¹¹ O *δημος* era uma circunscrição administrativa a que podemos dar a tradução de 'freguesia'.

¹² Aristófanes faz um jogo de palavras entre *πρίω* 'compra' e *πρίων* 'serrazina, frase repetida que se torna incómoda'.

¹³ Todas as sessões da assembleia se iniciavam com uma cerimónia religiosa em honra de Zeus Agoreu, que simbolicamente presidia à reunião. Os celebrantes do ritual imolavam, no altar daquela divindade, situado sobre a tribuna, porcos, e, com o sangue dos animais sacrificados, traçavam o círculo sagrado à volta da assistência.

¹⁴ Anfíteo tem um nome revelador da sua origem semidivina. R. CANTARELLA (*Le Comedie*, II, Milano, 1949, p. 101) vê no relato genealógico que se segue uma paródia ao modo como começavam muitos dos prólogos de Eurípides. Alguns dos nomes referidos pertencem ao mundo da lenda: por exemplo Triptólemo, que era filho do rei Celeu de Elêusis; Deméter ensinou-lhe os seus ritos e deu-lhe um carro mágico para ele ir espalhar o grão entre os homens. Pelo contrário, Fenárete parece ter sido um nome feminino corrente em Atenas.

¹⁵ Cabia à assembleia, presidida pelos prítanes, nomear os embaixadores e atribuir-lhes uma remuneração. Como a missão que Anfíteo se propunha não tinha a aprovação dos prítanes — e com esta limitação talvez o poeta queira sugerir que o povo poderia aprová-la —, estes não lhe concederam o subsídio habitual, o que tornava impossível a viagem.

¹⁶ Presentes na assembleia estavam os guardas, normalmente archeiros bárbaros, de origem cita, a quem competia manter a ordem durante a sessão e retirar do recinto quem perturbasse o seu normal funcionamento. É estranho como escravos (tal era a condição social dos citas em Atenas) podiam exercer funções policiais sobre os próprios cidadãos.

¹⁷ O 'Rei' ou 'Grande Rei' (cf. v. 65) era, para os Gregos, o rei da Pérsia. Não é necessário acreditar que Aristófanes esteja a referir-se a uma embaixada determinada; o poeta aproveita apenas uma realidade frequente nos seus dias, a missão diplomática, aliada ao intuito dos Atenienses e Espartanos de conseguirem a aliança da Pérsia, para provocar o riso, sem deixar de alertar ao mesmo tempo os seus concidadãos para o perigo bárbaro.

¹⁸ Ecbátanos era o nome de uma cidade oriental, capital da Média, que, para os Gregos, era símbolo de luxo e requinte.

¹⁹ Segundo informação do escoliasta, Eutímenes fora arconte onze anos antes da representação de *Os Acarnenses*. Assim o cómico alude à duração prolongada da viagem, o que, ao salário de duas dracmas por dia, representava um encargo considerável para as finanças de Atenas.

²⁰ Caístro é o nome de um rio da Ásia Menor, que desagua no Egeu, perto de Éfeso.

21 A viagem, que o embaixador quer apresentar como extremamente cansativa, rodeou-se, afinal, de todo o conforto possível, traduzido no uso de tendas e no luxo dos carros utilizados.

22 Diceópolis comenta com ironia as palavras do embaixador. Ao seu «mortos de fadiga», ele opõe um «a são e salvo», e retomando o termo «estendidos», contrapõe aos «carros» dos privilegiados da sorte «o lixo», o único leito que resta às verdadeiras vítimas da guerra.

23 Crânao é o nome de um antigo rei de Atenas. Além de nome próprio, o grego possui também a palavra *κρανάος* como adjetivo, com o significado de 'rochoso'. De facto, tanto a designação de 'cidade de Crânao', como de 'cidade rochosa' cabem a Atenas.

24 Aristófanes ironiza sobre a ideia que os Gregos tinham da Pérsia, que imaginavam como um paraíso de luxo e riquezas sem fim. Falsos, os embaixadores exploram essa ingenuidade para engrandecerem a importância da sua missão.

A graça destes dois versos assenta em dois trocadilhos: em primeiro lugar, temos uma substituição de *περίπατος* 'exército de marcha' por *ἀπόπατος* 'retrete'; depois a confusão entre duas palavras semelhantes, *ὄρος* 'montanha, penhasco', e *ὄρον* 'prensa de azeitonas', mas também 'bacio, penico', segundo o escoliasta. Fica, pois, subentendida a ideia de que, na Pérsia, a natureza e os mais mesquinhos objectos eram feitos do precioso metal.

Para a interpretação deste passo, vide J. TAILLARDAT, "Aristophanea", BAGB, 1961, pp. 106-108.

25 Os Gregos não costumavam assar bois no forno. Normalmente *κριβανίτης* (sc. *ἄρτος*) aplicava-se ao pão, esse sim, cozido no forno.

26 Cleónimo é frequentemente atacado por Aristófanes, mas apenas nas suas comédias mais antigas, o que pode significar que entretanto esta personalidade tenha morrido. O poeta acusa-o de demagogia (cf. *Eq.* 956-958), de gulodice (*Eq.* 1290-1299), de perjúrio (*Nu.* 400), de feminilidade (*Nu.* 672 sqq.) e sobretudo de cobardia. Em vários passos, Aristófanes refere um momento em que Cleónimo abandonou o escudo no campo de batalha, para mais facilmente salvar a pele (e.g., *Eq.* 1369-1372, *Nu.* 353, *Pax* 444-446, 670-678, 1295-1304), o que, à luz da época, era mais do que vergonhoso, era considerado como crime e sujeito a procedimento legal.

27 Pseudartabas é um nome cómico forjado por Aristófanes com o elemento *ψεύδω* 'enganar', e o nome de uma medida persa, a *ἀγράβη*. É a personagem assim designada que vem representar o Grande Rei nas suas negociações com Atenas. Aos familiares reais e cortesãos do rei da Pérsia, em quem o monarca depositava a máxima confiança, dava-se o título de 'olhos e ouvidos do Rei'.

28 Diceópolis fica impressionado com a máscara que cobre o rosto desta personagem, e para a descrever utiliza linguagem náutica. O grande olho é comparado à abertura da proa por onde passam as amarras do navio; a cercá-lo, em baixo, uma barba espessa, a lembrar a tira de couro que segurava o cabo do remo.

29 Aristófanes atribui ao Olho do Rei estas palavras estropiadas, a imitarem sons persas, sem qualquer sentido. Aproveitando-se deste facto, o embaixador tenta iludir a assembleia com uma falsa promessa de empréstimo monetário, que estaria contida nesta frase incompreensível. Porém, embora em grego alterado, o representante persa virá a desfazer a mentira. O poeta volta a usar um recurso cómico muito do seu gosto, que consiste em atribuir aos bárbaros uma linguagem estropiada (cf. o Cita, em *Th.*).

30 A ameaça de Diceópolis é confirmada pelas palavras seguintes que prometem a Pseudartabas uma sova de tal maneira, que o desventurado, tinto de sangue, pareceria pintado de púrpura fenícia. Atemorizado, o persa responde com acenos de cabeça.

31 De novo Aristófanes dirige ataques pessoais, desta vez contra Clístenes, sua vítima em numerosas referências. Este ateniense é-nos apresentado como uma espécie de símbolo dos efeminados. Cf., e.g., *Av.* 831, *Th.* 235, 574 sqq. A ausência de barba, também referida em *Eq.* 1374, é um sinal externo dessa falta de virilidade.

32 O nome de Estratão, o amante de Clístenes, vem também citado, a par deste último, em *Eq.* 1374.

33 O Pritaneu era um edifício público que existia nas cidades gregas, onde se faziam sacrifícios solenes sobre o altar comum, sendo a carne das vítimas partilhada pelos hóspedes do estado. Os embaixadores eram aí hospedados a expensas públicas.

34 Teoro vem dar contas da sua missão diplomática junto de Sitalques, rei da Trácia. Esta mesma figura é referida em *Vespas* (vv. 599, 1220, 1236-1237), como companheiro de Cléon, seu parasita. São-lhe aplicados qualificativos como *κόλαξ* 'lisonjeador' (*V.* 45, 419) e *ἀλαζών* 'gabarola', 'aldrabão' (*Ach.* 135).

É de facto histórica uma aliança que Sitalques tinha feito com Atenas em 432 a.C.

35 Cf. nota 4.

36 As Apatúrias eram um festival anualmente realizado em honra de Zeus Frátrio e Atena Frátria, pelos membros das fratrias, uma espécie de confrarias que tomavam a seu cargo determinados cultos. Num dos dias

do festival, as fraternidades admitiam a inclusão de novos elementos, que eram os filhos dos cidadãos, e só muito excepcionalmente tal honra era concedida a um estrangeiro, como é aqui o caso do filho do rei da Trácia. Havia então, o texto no-lo diz, distribuição de carne pelos participantes nos sacrifícios rituais. Estas festas incluíam também um concurso de recitação (cf. Pl. *Timeu* 21b).

³⁷ Os Odomantos, segundo informação de V. COULON (*Les Acharniens*, Paris, 1972, p. 18), viviam entre o Estrímon e o Nesto, e eram o povo mais sanguinário de toda a Trácia. Este grupo de personagens traz o falo visível, o que aliás era vulgar na Comédia Antiga. Sabemos pelos escoliastas que este povo praticava a circuncisão.

³⁸ A um sinal divino, neste caso uma gota de chuva, a assembleia devia ser interrompida. Cf. nota 13.

³⁹ O *μυττωτός* era uma espécie de guisado feito com base em alho e azeitonas, a que se podiam juntar outros ingredientes, como ovos, mel, queijo, por exemplo.

⁴⁰ Aristófanes faz aqui a caracterização dos homens de Acarnas, velhos temperados pelos tempos difíceis da guerra, eles cujo *demos* tantas vezes sofrera as incursões do inimigo. De entre esses velhos tinha saído grande número de guerreiros valorosos, de que os combatentes de Maratona são um símbolo.

⁴¹ VAN LEEUWEN (*op. cit.*, p. 41) dá duas explicações para esta frase. O pez era usado na reparação de navios: logo sugeriria a ideia de guerra. Por outro lado, a resina servia para conservar o vinho, que, quando tinha ainda pouco tempo, lhe conservava o gosto. Logo Diceópolis recusa essas tréguas ou porque lhe sabem a guerra, ou porque são demasiado curtas.

⁴² Diceópolis invoca as Dionísias Rurais, de que há tanto tempo está privado, e que, em breve, as tréguas lhe permitirão reviver. Cf. Introdução, p. 14.

⁴³ Os soldados que partiam para o campo de batalha tinham de ir fornecidos de alimentos para três dias.

⁴⁴ As tréguas são materializadas numa bebida, que Diceópolis, como bom apreciador, cheira primeiro, para depois saborear. Ao espírito assoma-lhe um pensamento próprio de um aldeão há muito retido involuntariamente dentro das muralhas da cidade, e que entrevê uma possibilidade de regressar ao campo, cuja nostalgia o domina.

⁴⁵ Neste momento o Coro está a interpelar os espectadores.

⁴⁶ Faulo, comandante do único navio itálico presente na batalha de Salamina, era de Crotona. Imortalizou-se como atleta, depois de acumular três vitórias nos jogos Píticos, segundo o testemunho de Pausânias (10.9.2). Cf. V. 1206.

⁴⁷ Com a paronomásia *Βαλλήραδε* Aristófanes faz um gracejo, sugerindo simultaneamente o verbo *βάλλω* 'lançar' (pedras, no caso presente), e *Παλλήνη*, o nome de um *demos* vizinho de Acarnas. 'Pedralene' pretende sugerir o espírito da palavra grega.

⁴⁸ As canéforas eram as jovens que transportavam à cabeça o cesto com as ofertas aos deuses.

⁴⁹ O bolo sagrado era uma das oferendas transportadas no cesto. Sobre ele a canéfora espalha o puré de legumes trazido por Diceópolis na panela (cf. v. 284).

⁵⁰ Literalmente o texto diz: 'com ar de quem come salva', sendo a salva uma erva amarga. Esta forma de expressão, que significa 'com gravidade, com seriedade', fica bem na boca de um aldeão como Diceópolis.

⁵¹ Esta é a expressão familiar para dizer 'filhinhas'. À letra o texto diz 'doninhas', que eram, entre os Gregos, animais domesticados, com uso idêntico ao dos gatos nos nossos dias. Às doninhas era atribuído o hábito mencionado em seguida, cuja referência proporciona um efeito cómico que desanuviava um pouco o tom sério da oração.

⁵² Normalmente as canéforas apresentavam-se adornadas com jóias. De novo é o público o alvo do gracejo: talvez entre ele se encontrem patifes capazes de, sem se fazerem notados, surripiarem as jóias à canéfora. Esta afirmação de Diceópolis pode implicar que o cortejo dionisiaco avança agora junto à *προεδρία*, onde se encontrava o representante do próprio deus, o sacerdote de Dioniso, na sua cadeira de honra. Este seria um pormenor que contribuiria para salientar a irreverência típica na comédia desta época.

⁵³ Estes cortejos em honra de Dioniso eram acompanhados de cantos, danças e gracejos mordazes trocados entre os participantes. Destes dichotes terá tido origem, segundo Aristóteles, a própria comédia.

⁵⁴ Esta ordem é dirigida à filha, que encabeça o cortejo que se inicia agora, terminadas as oferendas.

⁵⁵ Fales é a personificação do falo, como símbolo da fertilidade.

⁵⁶ A guerra tinha começado em 431 a.C.

57 Cf. Introdução, p. 10.

58 Trata é nome de escrava, que ocorre também em *Th.* 279 sqq. Quanto a Estrimodoro, diz D. MACDOWELL (Aristophanes, *Wasps*, Oxford, 1971, p. 163), ao comentar o v. 233 de *V.* em que este nome surge de novo aplicado a um velho, que parece tratar-se de um nome com um sabor antiquado, só usado por pessoas de idade.

59 Em tempo de paz, o escudo ficava suspenso junto à lareira, para o preservar da humidade.

60 Para se escudar das pedradas que lhe lançam os Acarnenses, Diceópolis serve-se da panela que transportou com o puré para as oferendas (cf. nota 49). Comicamente o velho está mais preocupado com os danos que sofrerá a panela do que consigo próprio.

61 Cf. nota 2.

62 Diceópolis dá um tom solene à interrogativa com este vocativo à maneira épica, provido de um sufixo patronímico.

63 Cf. Introdução, pp. 11 e 16. Para outras paródias de *Télefo*, uma constante no teatro de Aristófanes, vide, e.g., *Ach.* 432 sqq., 540. sqq., *Th.* 689 sqq.

64 A segurança de Diceópolis começa a atemorizar os Acarnenses.

65 O velho refere-se a um cesto de carvão que toma como refém.

66 O Parnes é uma cordilheira situada entre a Ática e a Beócia. Das florestas que lhe cobriam as encostas extraía-se madeira, usada no fabrico de carvão.

67 Comicamente Diceópolis atribui ao cesto um comportamento semelhante ao humano, quando apertado pelo medo. Este gracejo conduz-nos a um tipo de cómico muito usado por Aristófanes e com sucesso entre o público (cf. *Ra.* 1 sqq.).

A sépia é uma matéria negra, que se extrai de certos moluscos; com ela se fabricava uma tinta com a mesma designação.

68 O herói passa agora ao solilóquio.

69 Neste momento Diceópolis declara abertamente a coincidência entre as suas posições e as defendidas pelo autor. É Aristófanes que se lamenta aqui, através da personagem, das perseguições de que foi vítima por parte de Cléon (cf. nota 2), que violentamente atacara na comédia apre-

sentada no ano anterior, 426 a.C., *Os Babilónios*, peça perdida para nós. No entanto, em *Ach.* 502-506, o próprio autor nos esclarece sobre as acusações que lhe foram dirigidas pelo demagogo: Aristófanes é apontado como traidor, por ter censurado a cidade quando havia estrangeiros a assistirem à representação.

70 O Cicloboro era uma torrente de água que descia o Licabeto, colina de Atenas, com grande fragor no inverno. Também haviam sido clamorosas as palavras de acusação de Cléon perante o tribunal.

71 Hierónimo, também referido em *Nu.* 348-350 como filho de Xenofanto, era um poeta lírico ridicularizado pela cabeleira hirsuta que usava e que fazia lembrar o elmo de Hades. Este elmo era obra dos Ciclopes e tinha o poder de tornar invisível quem o usasse. Parodiando o estilo grandiloquente desse poeta, Aristófanes cria um longo e bombástico adjectivo (*σκοτοδασυπικνύθηξις*) para se referir à sua cabeleira.

72 Sisifo, rei de Corinto, ficou na lenda como criador de mil artimanhas, entre as quais uma fuga do Hades. Devido à sua existência pouco exemplar, foi-lhe aplicado, depois de levado à força para o reino dos mortos, um castigo terrível: o de rolar para o alto de um monte um enorme pedregulho, que, sem cessar, se precipitava no abismo, antes de atingir o ponto desejado.

Sobre o mito de Sisifo, vide R. GRAVES, *The Greek Myths: I*, Bucks, 1960, pp. 216-220.

73 O *ἀγών* ou debate era um elemento habitual na comédia antiga, de que o autor se servia para defender os seus pontos de vista contra os dos seus opositores. O *ἀγών* marca normalmente a reviravolta na intriga da peça. No caso de *Os Acarnenses*, Diceópolis tem, através dele, oportunidade de convencer o Coro da legitimidade da paz que negociara com os Lacedemónios. Esse momento surge antes da parábase, e os episódios finais são a exibição das suas satisfatórias consequências e do seu estrondoso triunfo.

74 Diceópolis, em frente da casa de Eurípides, chama o criado que funciona de porteiro. Cf. *Ra.* 37. Nos manuscritos e escólios o servo é designado por Cefisofonte. Corria o boato, entre os contemporâneos de Eurípides, de que uma pessoa com este nome, íntimo em casa do poeta a ponto de se lhe atribuir uma aventura amorosa com a mulher deste, colaborava na composição das suas tragédias (cf. *Ra.* 944, 1408).

75 O advérbio *ἀναβάδην* 'com os pés no ar', segundo A. W. PICKARD-CAMBRIDGE (*The Theatre of Dionysus in Athens*, Oxford, 1946, pp. 103-104), seria aplicável à posição de quem se reclinava num sofá. Do mesmo modo que Sócrates em *Nu.*, Eurípides liberta-se assim das coisas terrenas, para penetrar mais facilmente nas profundezas do espírito. Notemos, ainda, que,

dentro da teoria, expressa nesta cena, de que o poeta deve adaptar o seu tipo de vida e hábitos às características das personagens que cria, esta seria a posição adequada para o criador de figuras coxas.

⁷⁶ A. W. PICKARD-CAMBRIDGE (*op. cit.*, pp. 102-104) considera, aproximando esta cena de outra idêntica que ocorre em *Th.* 95 sqq., que não era aqui necessário mais do que um leito, sobre o qual o poeta era rodado para a cena. Recusa-se, pois, a aceitar, neste caso, o uso da plataforma rolante chamada *ἐκκύκλημα*. No entanto, a propósito deste passo, o escoliasta dá uma definição do *ἐκκύκλημα* como a máquina, montada sobre rodas, que trazia cá fora, à cena, aquilo que se passava dentro de casa, para que o espectador o pudesse presenciar directamente. Assim Eurípides seria convencionalmente situado, sobre a máquina, no interior do seu quarto. Este pressuposto não deixa de adequar-se bem ao conteúdo da cena, que exige a presença de vários objectos de roupa e adereços que deviam estar dentro de casa, e sobretudo ao final, quando Eurípides, para pôr termo aos pedidos de Diceópolis, ordena que fechem a porta (v. 479), como se de facto estivesse na intimidade da sua casa. PICKARD-CAMBRIDGE tem vários argumentos a opor à informação do escoliasta, que considera causada por um falso pressuposto, devido à presença dos verbos *ἐκκυκλέω* e *ἐσκυκλέω*. Todos esses objectos poderiam estar sobre o leito de Eurípides, ou mesmo alguns deles serem trazidos do interior por um escravo, mediante ordem do poeta (cf. v. 432). Neste caso, como justificar a ocorrência daqueles dois verbos no texto? Apenas como a maneira de Aristófanes aludir parodicamente a uma técnica que deve ter sido usada com abundância no teatro de Eurípides.

⁷⁷ Aristófanes parodia algumas novidades do teatro de Eurípides, como seja a de apresentar em cena personagens coxas e mendigas, o que a tragédia mais antiga teria considerado como pouco digno. Em *Ra.* 846 o trágico é apodado de *χωλοποιός* 'criador de coxos'. Dentro da sua produção dramática há de facto várias personagens que revestem as características atrás apontadas. A título de exemplo, podemos citar Télefo, ferido por Aquiles numa perna e coberto de andrajos, Belerofonte, que caiu do cavalo alado Pégaso, e Filoctetes, mordido por uma serpente, abandonado, pobre e doente, numa ilha deserta.

⁷⁸ Eneu era rei de Cálidon, na Etólia. O seu nome é aparentado ao do vinho, *οἶνος*. Teria sido a ele que Dioniso, segundo a lenda, fez presente do primeiro pé de vinha plantado na Grécia. Esta figura anda ligada a três mitos: atribui-se-lhe a responsabilidade de um flagelo que caiu sobre Cálidon, por se ter esquecido de honrar Ártemis com um sacrifício no fim das colheitas; como pai de Dejanira, vemo-lo incluído dentro do ciclo de Hércules; por fim, intervém ainda na lenda de seu neto Diomedes. É este descendente o seu único apoio na velhice, quando, enfraquecido pelo anos, se vê despossado do trono por traição de seus sobrinhos.

⁷⁹ Fénix era filho de Amíntor da Beócia. Este rei tinha uma concubina que provocava os ciúmes da mãe de Fénix, a ponto que ela suplicou ao filho que seduzisse a sua rival, restituindo-lhe assim o marido perdido. Porém Amíntor teve conhecimento desta conspiração contra os seus amores adúlteros, e, como castigo, vazou os olhos do filho. Pobre e cego, Fénix encontrou asilo junto de Peleu, que o fez curar por intervenção do centauro Quíron. Mais tarde confiou-lhe a educação de seu filho Aquiles e enviou-o a Tróia para orientar o jovem pupilo na conquista da sua *ἀσπητή*.

⁸⁰ Filoctetes foi o mortal escolhido por Hércules para depositário das suas armas, depois da morte do herói. Este exigira-lhe, porém, o juramento de que não iria nunca revelar o local da sua morte. Depois de muito pressionado, Filoctetes faltou à palavra dada: esta foi a causa da sua infelicidade. Embora tivesse embarcado para Tróia com o exército aqueu como representante da Tessália, o herói não chegou ao seu destino. Durante um sacrifício na ilha de Ténédo, onde a frota tinha desembarcado, Filoctetes foi mordido num pé por uma serpente. A ferida assim contraída exalava um cheiro tão nauseabundo que, por sugestão de Ulisses, os seus companheiros abandonaram-no na ilha de Lemnos. Aí permaneceu, solitário e enfermo, durante dez anos, ao fim dos quais os Aqueus voltaram para buscá-lo, já que um oráculo tinha revelado que, sem as armas de Hércules, lhes seria impossível tomar Tróia. Só a muito custo o herói se deixou convencer a seguir os que outrora o tinham abandonado, para finalmente fazer vergar o inimigo.

⁸¹ Belerofonte, culpado de crimes de morte, deixou Corinto e foi refugiar-se em Tirinto, onde, pela sua indigência, despertou a piedade e depois o amor de Estenebeia, a esposa do rei. Impotente para se fazer corresponder, a rainha acusou-o traiçoeiramente ao marido de ter querido violentá-la. Por intervenção deste, Belerofonte foi sujeito a uma série de provas difíceis e por fim reabilitado. No auge da sua fortuna, ousou empreender, montado sobre o cavalo alado Pégaso, uma viagem ao Olimpo. Irritado com esta ousadia, o deus supremo ordenou que um moscardo lhe mordesse a montada, e assim provocasse a queda do herói. Depois de cair sobre um espinheiro, Belerofonte partiu errante pelo mundo, coxo, cego, solitário e perseguido até ao derradeiro dia da sua existência.

⁸² Télefo era um dos filhos de Hércules e o que mais se lhe assemelhava em valentia. Possuía o trono da Mísia, onde os Gregos haviam de desembarcar, a caminho de Tróia. Em luta com os invasores, Télefo, apesar da sua coragem, teve de ceder perante Aquiles, que o feriu com a lança. Télefo, informado por Apolo de que a cura dos seus males dependia dos Argivos, foi ao encontro destes em Áulis, e ofereceu-se para os conduzir a Tróia a troco do remédio para os males que o afligiam. Mesmo esfarrapado e pedinte, não conseguiu fazer-se ouvir. A conselho de Cli-

temnestra, Télefo toma como refém o pequeno Orestes, o único argumento que teve poder para abalar os inimigos.

⁸³ Tiestes, filho de Pélops e Hipodamia, era irmão de Atreu. A rivalidade que se estabeleceu entre os dois irmãos pela posse de Micenas e de Aérope, mulher do segundo, atingiu tais extremos de violência, que Atreu deu a comer a Tiestes a carne dos seus próprios filhos. Atingido pela desgraça, este parte errante, e, para satisfazer a sua sede de vingança, gera um filho incestuoso, Egisto, que será o assassino do tio e do filho deste, Agamémnon.

⁸⁴ Leucótea é o nome de Ino, depois que se transformou em deusa marinha. Esta mulher, irmã de Sémele, um dos amores terrestres de Zeus, dos quais se gerou Dioniso, foi vítima dos ciúmes de Hera, por ter acolhido o sobrinho quando órfão. A deusa atingiu-a, bem como ao marido, pela loucura, o que os converteu em assassinos dos próprios filhos. Ao tomar consciência do crime que cometera, Ino lançou-se ao mar. Apiedadas da sua sorte, as divindades marinhas transformaram-na numa Nereide.

⁸⁵ Zeus é cognominado com dois epítetos formados da raiz do verbo 'ver': *διόπτα καὶ κατόπτα πανταχῆ* «o que vê através de tudo» e «aquele que observa de cima». Parece-me que 'espionar' e 'vigiar' são palavras que reproduzem essas duas ideias, de 'penetrar com a vista' e 'observar de alto', com a vantagem de manterem o homeoteleuto do grego.

⁸⁶ Os Frígios usavam um boné dobrado para a frente, em forma de chifre.

⁸⁷ Aristófanes parodia, nestes dois versos, palavras de Télefo (cf. fr. 698), o que aliás se repete ao longo de toda a cena.

⁸⁸ De novo o comediógrafo está a atingir Eurípides, desta vez com uma censura aos coros das suas tragédias, que considera muito passivos face aos acontecimentos. Tal acusação vai ao encontro das palavras de Aristóteles a respeito deste mesmo assunto (*Poética* 1456a 25): «É preciso que o Coro argumente com os actores, que seja uma parte do todo, que participe na discussão, não como em Eurípides, mas como em Sófocles.»

⁸⁹ O uso das roupas trágicas começa a dar o seu efeito: Diceópolis exprime-se agora com grandes frases retóricas. Para tal, utiliza as palavras de reconhecimento que Télefo teria dirigido a um dos Argivos que o acolheu com bondade.

⁹⁰ O cesto devia ser de preferência queimado, para ter o aspecto de velho, condizente com o resto do disfarce.

⁹¹ Neste passo encontramos mais uma alusão à mãe de Eurípides (cf. v. 478). Aristófanes frequentemente se refere à condição de hortaliçeira desta figura, a respeito da qual os testemunhos são controversos. Ora a vemos referida como vendedeira de legumes, ora como dama de sociedade. A opção é para nós difícil, embora possa haver qualquer fundo de verdade por trás do gracejo de Aristófanes. Cf. *Ra.* 840, 946-947, *Th.* 387.

⁹² Télefo levava consigo, na viagem para Áulis, um recipiente com uma esponja, de que o herói se servia para limpar a ferida durante a caminhada (cf. nota 82).

⁹³ Com esta ironia forte, Aristófanes sugere que o aparato das tragédias de Eurípides reside apenas nos acessórios e nas máquinas. Suprimidos estes, nada mais resta.

⁹⁴ É evidente que Diceópolis está a parafrasear Télefo, quando se dirigia aos Aqueus.

⁹⁵ Cf. nota 91.

⁹⁶ Propriamente «esta é a linha de partida» (*γραμμῆ δ'αὐτῆ*), como se de uma competição desportiva se tratasse.

⁹⁷ Cf. notas 2 e 69.

⁹⁸ Cf. Introdução, p. 9.

⁹⁹ Referindo-se aos metecos, estrangeiros residentes em Atenas, a quem eram reconhecidos alguns direitos políticos, o grego diz literalmente 'a palha', por oposição ao 'grão', que seriam os cidadãos atenienses.

¹⁰⁰ Posídon é aqui invocado como deus subterrâneo, com poderes para abalar o solo. O Ténaro era um cabo, situado na Lacónia, onde o mito colocava a entrada dos Infernos. Alguns anos antes, em 466 a.C., diz Tucídides (I.I 28), Posídon concretizara o voto aqui expresso por Diceópolis. Por terem violado o templo do deus, no Ténaro, os Lacedemónios foram castigados com um tremendo terramoto, que lhes arrasou completamente a cidade.

¹⁰¹ Aristófanes está a referir-se ao decreto de Mégara, que estabelecia que os Megarenses e os seus produtos fossem excluídos de todos os mercados e portos de Atenas e do seu império. Sobre o alcance e consequências deste decreto, *vide* Introdução, pp. 16-17.

¹⁰² O cótabo era um jogo então em voga em Atenas, que consistia em derramar vinho num recipiente de metal, para, pelo som, detectar os sentimentos da pessoa amada.

¹⁰³ O comediógrafo transmite-nos uma explicação absurda da origem da guerra, sugerida pela malignidade popular (cf. Introdução, p. 16).

A figura de Aspásia é muito referida pelos poetas cómicos, dada a sua situação de mulher ilegítima do político mais em evidência da época, Péricles, e do grande ascendente que tinha sobre ele.

¹⁰⁴ Aristófanes usa o verbo *φρσιγγοῦμαι*, que significa 'incitar, por meio do alho (*φῦσιγγξ*), os galos para a luta', para, uma vez que se trata de Mégara, fazer referência a um dos seus produtos mais abundantes, o alho.

¹⁰⁵ 'Olímpico' foi um epíteto dado a Péricles pela sua superioridade como chefe político, pela sua mestria no comando do exército e pelo vigor oratório que sempre demonstrou. Tal epíteto, no entanto, motivou grajejos na comédia. Aqui 'Olímpico' reveste os atributos que vulgarmente competem a Zeus: o raio, o trovão, o poder absoluto.

¹⁰⁶ Aristófanes transforma o texto do decreto, de que aliás respeita a matéria, numa espécie de canção de mesa, paródia de Timocreonte.

¹⁰⁷ Este exemplo é uma forma de fazer sentir aos Atenienses como estão prontos em reagir à mais pequena ofensa. VAN LEEUWEN (*op. cit.*, p. 96) chama a atenção para o significado da referência a Serifo, ilha das Cíclades, que era a mais pequena de todas as cidades da confederação de Delos. É, pois, desproporcionada a agitação que o poeta descreve como resposta de Atenas a uma ofensa insignificante, feita ao mais pequeno dos seus aliados.

¹⁰⁸ O trierarco era o cidadão rico, a quem era atribuída a incumbência de, à sua custa, armar uma trirreme para o combate.

¹⁰⁹ Com toda esta descrição desordenada, quase ofegante, o autor sugere a precipitação e azáfama dos preparativos para a guerra.

¹¹⁰ Cf. vv. 515 sqq. O sicofanta é, literalmente, 'aquele que denuncia ('põe a claro', 'faz ver', 'descobre') os figos', ou seja, o que denuncia o contrabando de figos, produto muito abundante na Grécia. Depois, a palavra tomou o sentido generalizado de 'delator'.

¹¹¹ Cf. Introdução, p. 10.

¹¹² 'Penacho de Górgona' é sinónimo de 'penacho aterrador', já que a Górgona era um ser aterrador, que se representava com o rosto cercado de serpentes e uns olhos mágicos, com poderes petrificantes. Foi Perseu, ajudado por Atena, o vencedor desse monstro, cuja cabeça passou a exibir no escudo.

¹¹³ Literalmente *φυλέτης* designa um 'indivíduo da mesma tribo (*φύλη*)', que agrupava várias famílias com um tronco comum.

¹¹⁴ O taxiarco é o comandante de um corpo de infantaria (*τάξις*); o estratega é o chefe do exército, o general.

¹¹⁵ Literalmente *ἐγὼ γὰρ ἔχομαι μέσος* significa «estou apanhado pelo meio», que é uma expressão da linguagem técnica da luta (cf. *Ra.* 469).

¹¹⁶ O escudo de Lâmaco tinha gravada a cabeça da Górgona, tal como o de Perseu (cf. nota 112), a atestar a sua qualidade de lutador. Em sua casa, este guerreiro guardava as armas num estojo.

¹¹⁷ Com o termo 'espantalho', Diceópolis está a referir-se à figuração da cabeça da Górgona, sobre o escudo de Lâmaco.

¹¹⁸ Lâmaco é comicamente interrompido no momento em que ia dizer qualquer coisa como *στρούθου* (cf. v. 1105) 'de avestruz', para chamar a atenção para o requinte e valor do seu penacho. Em vez disso, Diceópolis remata-lhe a frase com um composto da autoria de Aristófanes, *κομπολακότης*, que reúne os elementos *κομπός* 'fanfarrão' e *λακέω* 'estrondear'.

¹¹⁹ Esta fala de Diceópolis acumula três patronímicos cómicos, todos localizados em fim de verso, o que dá ao período uma certa cadência, sublinhada por um primeiro hemistíquio semelhante nos vv. 596 e 597.

¹²⁰ O grego diz 'por três cucos' (*κόκκυγές γε τρεῖς*), sendo este animal tomado como símbolo da estupidez. Em português, é à arara que, entre as aves, cabe esse papel.

¹²¹ As missões diplomáticas tinham-se tornado um meio de um pequeno número de privilegiados escaparem à guerra.

¹²² Este verso é, parodicamente, preenchido com dois longos compostos, no primeiro caso dois nomes próprios, e no segundo, um nome próprio adjectivado. Qualquer destas personalidades — exemplos certamente de ambição e oportunismo — nos é desconhecida, o que não aconteceria com o público da época.

¹²³ Não se conhece este Cares a quem o poeta está a fazer referência. Os Cáones eram uma das três tribos principais do Epiro, com quem Atenas estivera em guerra, em 430-429 a.C. (cf. V. COULON, *op. cit.*, p. 37).

¹²⁴ Este verso é construído do mesmo modo que o v. 603 (cf. nota 122). Também estes nomes próprios nada nos dizem sobre a identidade dos seus

detentores. Sabemos apenas que Diomia era um *demos* da Ática, cujos naturais tinham fama de gabarolas.

125 A Camarina era uma cidade siciliana, bem como Gela. Aristófanes remata esta tirada cômica do seu herói com uma *παρά προσδοκίαν*, formando um último topónimo paródico com a terminação *-γέλα*, que repete a palavra anterior e sugere simultaneamente o verbo *γελᾶω* 'rir'.

126 Dirigindo-se particularmente a vários Acarnenses, Diceópolis atribui-lhes nomes falantes, alusivos à sua actividade de carvoeiros. *Μαριλάδης*, que é um patronímico derivado de *μαρλή* 'fuligem'; *Ἀνθράκυλλος*, um diminutivo de *ἄνθραξ*, 'carvão'; por fim, dois patronímicos, *Εὐφοροίδης*, 'o bom carregador', e *Πριπίδης*, que se liga a *πρίνος*, 'carvalho', de cuja madeira se fazia carvão.

127 Cf. nota 18.

128 Cf. nota 123.

129 Césira era uma ateniense, mulher de sociedade, que foi tomada como o símbolo da grande dama, distante e pretensiosa (cf. *Nu.* 48, 800).

130 Os coreutas tiram os mantos para executarem, com mais liberdade, os movimentos da dança.

131 Deve notar-se a simetria entre os epítetos *ταχύβουλος* (v. 630) e *μετάβουλος* (v. 632), com que o poeta atinge a assembleia do povo que precipitadamente toma decisões, de que vem a arrepender-se pouco tempo depois (cf., *e.g.*, *Th.* III. 36).

132 Este epíteto aparece pela primeira vez, aplicado a Atenas, num ditirambo de Píndaro (fr. 76 Schr.).

133 Isto é, os representantes das cidades confederadas, que tinham de pagar, periodicamente, um tributo a Atenas.

134 Cf. nota 17.

135 Julgo oportuno referir a interpretação, que me parece correcta, que VAN LEEUWEN (*op. cit.*, p. 113) dá da subtileza destes versos: para fazer o seu autoelogio, Aristófanes lima o aspecto desagradável do louvor pessoal, exagerando as suas afirmações muito para além do que é crível.

136 Egina era uma aliada valiosa para Atenas, tanto mais que desde há vários anos lhe pagava um pesado tributo. Inclusivamente a ilha veio a ser ocupada por colonos áticos. CANTARELLA (*op. cit.*, p. 165) diz que,

segundo uma tradição que corria na Antiguidade, Aristófanes seria originário de Egina, onde teria até alguns bens herdados do pai.

137 *Ἀσφάλειος* 'que impede de cair', é um epíteto de Posídon. Normalmente esta invocação era feita pelos mareantes que intercediam por uma boa viagem.

138 Ou seja, para representar, perante o tribunal, os interesses do estado.

139 Titono era filho de Laomedonte e foi criado por Eos. Esta pediu a Zeus que concedesse a Titono a imortalidade, mas esqueceu-se de pedir também a juventude eterna. Cada dia Titono foi ficando mais velho, mais grisalho, mais enrugado, mais débil. Cansada da sua velhice, Eos sequestrou-o e transformou-o em cigarra.

140 A clépsidra era um relógio de água, usado no tribunal ateniense, para limitar o tempo que cada orador tinha para usar da palavra. Consistia em dois pequenos balões separados por um canal delgado, através do qual a água se ia lentamente escoando, num sistema idêntico ao das ampulhetas dos nossos dias.

141 Márpsias é tomado como símbolo do orador astuto e falso. Neste caso, portanto, a verdade é tão evidente que mesmo o mais hábil advogado ficaria sem argumentos.

142 Este Tucídides, informa MACDOWELL ao comentar *V.* 947 (*Wasps*, Oxford, 1971, p. 255), era filho de Melésias e chefe da oposição no tempo de Péricles, até ter sofrido, por intervenção do seu adversário, pena de ostracismo em 433. Depois do regresso, já em idade avançada, ficou como exemplo da impotência dos velhos para se defenderem perante um adversário jovem, ao ser condenado por um *συνήγορος*, Euatlo, num processo que o arruinou.

143 Euatlo é aqui referido como filho de Cefisodemo, de origem bárbara, da Cítia. Sobre as funções desempenhadas por estes estrangeiros em Atenas, cf. nota 16.

144 A maioria dos editores inclina-se, neste passo, para considerar o texto corrupto. Acaia é um epíteto de Deméter, anteriormente invocada. Segundo uma glosa de Hesíquio, este epíteto deriva dos lamentos da deusa pela perda de sua filha Perséfone (*ἀπὸ τοῦ περὶ τὴν κόρην ἄχους*). Diz GRAVES (*op. cit.*, p. 103) que talvez aqui esteja subjacente a ideia de que Tucídides, nos seus tempos de vigor, não teria suportado nem mesmo os lamentos da própria Deméter, quanto mais de um aldrabão de um advogado.

145 O filho de Clíniás é Alcibíades, nesta altura ainda um jovem, mas já uma figura política destacada e controversa.

146 Aristófanes está a parodiar uma prática que se tinha tornado corrente na democracia ateniense a partir do séc. v a.C., qual era a de escolher, por tiragem à sorte, todos os magistrados cujas funções não exigissem talentos específicos. Este sistema prestou-se não só a grandes fraudes, como foi sujeito às mais diversas críticas, já na própria Antiguidade. É dessas opiniões adversas ao sistema que Aristófanes se faz transmissor.

Para uma maior informação sobre este assunto, vide G. GLOTZ, *La cité grecque*, Paris, 1968, pp. 219 sqq.

147 O poeta faz um jogo de palavras com o topónimo *Λεπροί*, *demos* vizinho de Atenas, onde se curtia o couro, e o adjectivo *λεπρός*, que significa 'esfarrapado'.

148 Cf. nota 110.

149 Literalmente *φασιανός* significa 'vizinho do Fases', nome de um rio da Cólquida. Porém, neste passo que se refere a delatores, Aristófanes brinca com a sugestão que a palavra pode dar de *φάσις* 'denúncia', da raiz do verbo *φαίνω*.

150 Nas duas cenas que se seguem, Aristófanes utiliza um recurso cómico muito de seu gosto, que consiste em trazer a cena personagens que falam um grego estropiado, ou por serem estrangeiras (cf. *Th.* e a paródia do guarda cita, vv. 1001 sqq.), ou não áticas, como no caso presente. Em *Os Acarnenses* sucedem-se duas personagens, um Megarense e um Beócio, que, sem respeitarem integralmente as características dos seus dialectos, dão uma sugestão dos seus elementos mais típicos. O poeta está mais interessado no colorido exótico destas cenas do que na utilização correcta dos dialectos.

Notemos algumas particularidades linguísticas das falas do Megarense: *α* em vez de *η* (e.g. *Ἀθάνας* por *Ἀθήνας*, *φιλα* por *φίλη*); *ω* em vez de *ου* (e.g., *κόρη* por *κούρη*); a forma *τιν* do pronome por *σε*; a preposição dórica *ποτί* pelo ático *πρός*; a forma reforçada do pronome pessoal *ἐγώνγα* em vez de *ἐγώγε*; o dativo do mesmo pronome com a forma dórica *ἐμίν* pelo ático *ἐμοί*. Algumas destas características, como a preferência de *α* a *η*, de *ω* a *ου*, são comuns ao falar do Beócio.

Para tentar correspondência, na tradução, à caracterização linguística que Aristófanes faz destas duas personagens, utilizei, no caso do Megarense, um simulacro do falar nortenho, insistindo, para além de alguns regionalismos, em certos pormenores fonéticos como a troca de *b* por *v*, de *j* por *z*, de *tch* por *ch*, de *ch* por *s*; quanto ao Beócio, na intenção de marcar uma diferença sensível em relação com a fala anterior, preferi atribuir-lhe alguns

elementos próprios do alentejano, como por exemplo, a redução do ditongo *ão* a *ã*, a substituição de *ei* por *ê*, o acrescento de um *i* final nos infinitivos. De modo semelhante ao que acontece no grego, a caracterização que faço dos dois falares não é exaustiva, mas apenas uma sugestão de um tipo de linguagem que, saindo do português padrão, produz um certo efeito cómico.

151 A forma verbal *ἄμβατε* constitui uma prova de que, no teatro grego, a cena ficava a um nível superior ao da orquestra.

152 Em vez da expressão, corrente em grego, *προσέχω τὸν νοῦν* «prestar atenção», o Megarense substitui *τὸν νοῦν* por *τὸν γαστέρα*, dirigindo-se mais às barrigas vazias do que ao espírito, certo assim de cativar os ouvidos das suas esfomeadas ouvintes.

153 Os Megarenses tinham fama de estúpidos e grosseiros. Tais características vêm exemplificadas em toda esta cena, que reúne vários elementos cómicos de grande efeito para o gosto da época. O tom dominante é o equívoco estabelecido pelo duplo sentido de *χοῖρος* 'leitão' e 'órgãos sexuais femininos'.

154 Nos rituais de Eléusis eram sacrificados porcos em honra das duas deusas, Deméter e Perséfone. De resto, os porcos eram um animal que abundava na Megárida.

155 Diceópolis confunde *πεινάμεν* com *πίνομεν*, isto é, 'temos fome' com 'bebemos'. Daí a sua resposta. Este trocadilho é difícil de reproduzir em português. Suponho, no entanto, que uma palavra como 'fomaça', além do seu sabor aumentativo, tem a vantagem de sugerir, pela terminação, formas como 'cachaça', 'vinhaça', que vão ao encontro do gracejo do original.

156 O adjectivo *πολυτίμητος* 'digno de todas as honras' aplica-se normalmente às divindades. Pela sua raridade e preço, o trigo tinha ascendido quase à categoria de divino.

157 Informa COULON (*op. cit.*, p. 44) que os Atenienses tinham ocupado, no ano anterior ao da representação de *Os Acarnenses*, as ilhas de Mínoa, na costa da Megárida, impedindo assim o acesso às salinas e a exportação de sal.

158 Cf. nota 154.

159 Díocles era o herói nacional dos Megarenses.

160 *Ἐρρέβινθος* tem, no grego, o sentido equívoco de 'ervilha' e 'membro viril'.

161 Gracejo idêntico se obtém com a palavra *λαχάδας*, 'figos' e 'membro viril'. Fíbalis é o nome de uma aldeia da Megárida.

162 Hércules é aqui invocado devido à sua fama de guloso e esfomeado. Cf. *Ra.* 65, 503 sqq.

163 Salienta COULON (*op. cit.*, p. 47) que Aristófanes refere a cidade de *Τραγασαί* para poder brincar sobre a semelhança desta palavra com o verbo *τραγείν* 'devorar'.

164 A *χοίνιξ* era uma medida correspondente a pouco mais de um litro. O preço que o Megarense faz é significativo, pela sua modéstia, das carências por que então passava Mégara, tanto mais que o alho e o sal eram os seus principais produtos em tempo de paz.

165 O cómico desta fala de Diceópolis assenta no duplo sentido do verbo *φαίλω* 'brilhar' e 'mostrar, denunciar'. Esta duplicidade da palavra é utilizada por Aristófanes nas cenas seguintes, em que são especialmente visados os sicofantas.

166 O nome de Ctésias é-nos desconhecido, mas o próprio texto indica tratar-se de um sicofanta.

167 Tudo que sabemos sobre Prépis reduz-se a esta acusação por maus costumes.

168 Cf. nota 26.

169 Hipérbolo era um demagogo ateniense, negociante de tochas (cf. *Nu.* 1065, *Pax* 690), cuja fortuna, diziam alguns, fora ganha por meios muito duvidosos (cf. *Nu.* 1065-1066). O sucesso político adveio-lhe dos seus dotes oratórios, que pôs à prova nos tribunais atenienses. Sucedeu a Cléon como primeira figura na assembleia. Assim granjeou inimigos, entre os quais Nícias e Alcibíades, que, combinando esforços, o levaram ao ostracismo. Para mais pormenores sobre esta personalidade, *vide* MACDOWELL (*op. cit.*, pp. 260-261).

170 Sobre a identidade de Cratino as opiniões dividem-se. COULON (*op. cit.*, p. 49) supõe que se trata do poeta cómico, rival de Aristófanes. CANTARELLA (*op. cit.*, p. 189), porém, recusa esta hipótese, dada a idade avançada desse velho comediógrafo e admite que se trate de um outro poeta lírico, desconhecido para nós. Aristófanes atribui a essa personagem uma moda então divulgada em Atenas, entre os jovens, que consistia em cortar os cabelos do alto da cabeça, deixando os restantes compridos à volta.

171 Ártemon era um jovem de costumes efeminados, símbolo dos homens requintados e afeitos ao luxo. Mais uma vez (cf. nota 163) o poeta joga com o nome de *Τραγασαί*, agora pela sua semelhança com *τράγος* 'bode'.

172 Páuson era pintor caricaturista, conhecido pela vida indigente que levava.

173 Lisítrato tinha de comum com Páuson a fome e o frio. Vivia, apesar disso, entre a alta sociedade, onde cultivava algumas amizades. Era natural de Colarges, *demos* próximo de Atenas.

174 Hércules era o herói nacional de Tebas, a quem muito deleitavam os sons da flauta. A sugestão da origem tebana desta nova personagem é de novo acentuada pela referência ao nome Ismínia, comum nessa cidade.

175 Cf. nota 6.

176 Iolau é também o nome de um herói tebano, amigo de Hércules.

177 Adopto, para a tradução da palavra *τετραπτεροπλάτων* 'animais de quatro asas', a versão de CANTARELLA (*op. cit.*, p. 191), que, apoiado pelo escoliasta, pensa tratar-se de 'gafanhotos', usados na alimentação (cf. v. 1116).

178 O pão de cevada era o alimento diário dos Beócios nesses tempos difíceis.

179 A par de manjares muito apreciados, mencionam-se animais que não se usavam como alimento. Se não estamos perante uma enumeração cómica, teremos de entender que a carestia, no tempo da guerra, obrigava a recorrer a tudo para fazer face à fome.

180 Aristófanes está a parodiar um verso de Ésquilo, que fazia parte de uma tragédia para nós perdida, *O Julgamento das Armas*. Nesse verso (cf. fr. 174) invocava-se Tétis como a primogénita das cinquenta filhas de Nereu.

181 Diceópolis dá às suas palavras de acolhimento às enguias, há tanto desaparecidas, o tom solene de uma tragédia. COULON (*op. cit.*, p. 51) pressente nesta fala a afirmação de que, no fim do espectáculo, essa iguaria seria servida aos coreutas.

Mórico era um ricaço que se tornou famoso pela gulodice (cf. *V.* 506).

182 Paródia de Eur. *Alc.* 367.

183 O Falero é um dos portos de Atenas.

184 Os dois deuses eram, para os Beócios, Ânfon e Zeto, filhos de Antíope, a quem a lenda atribuía a fundação de Tebas.

185 Fórmula própria dos oradores.

186 Cf. nota 165.

187 O sicofanta dá-se ares de patriota, sempre à espreita de qualquer risco que a cidade possa correr, desconfiado de tudo, até mesmo de uma simples mecha, em que ele vê o germe de um grande incêndio.

Curiosamente, Tucídides (IV.100) refere um incêndio que os Beócios provocaram na paliçada de Délion, no ano seguinte ao da representação de *Os Acarnenses*, por um processo semelhante ao aqui descrito.

188 O texto deve referir-se à obrigatoriedade de prestação de contas que competia aos magistrados, no fim do seu mandato, na presença da assembleia do povo. Ficavam, portanto, sujeitos a denúncias, e nomeadamente os sicofantas não deixariam perder a ocasião de desempenharem o seu papel de delatores.

189 Cf. Introdução, p. 20.

190 Cf. nota 116.

191 A resposta é dada de modo grandioso, em estilo trágico, como convém a um guerreiro da qualidade de Lâmaco.

192 O escoliasta informa que existe neste último verso uma paródia a uma canção da época.

193 COULON (*op. cit.*, p. 56) refere uma canção que celebrava Harmódio, o libertador de Atenas do jugo dos Pisístratos (cf. v. 1093).

194 Como transportava aves debaixo dos braços, Diceópolis parecia levado sobre asas.

195 COULON (*op. cit.*, p. 56) vê nestes versos uma alusão a um quadro de Zêuxis, existente no templo de Afrodite, em Atenas.

196 Este texto, manifestamente equívoco, sugere que, no primeiro dia de cada mês (as calendas entre os Romanos), se realizavam, a nível privado, sacrifícios aos deuses, nomeadamente Hermes e Hécate.

197 Cf. Introdução, p. 20.

198 O prémio nestes concursos de bebida era uma coroa de folhagem e um odre de vinho. É por semelhança com o odre que se faz alusão a Ctesifonte, gordo e barrigudo.

199 O *demos* de File ficava situado entre a Ática e a Beócia, na cordilheira do Parnes.

200 Sobre este Pítalo, cujo nome vem repetido no v. 1222, sabemos apenas que devia ser médico.

201 Cf. Introdução, p. 20.

202 Monstro de três cabeças, vencido por Hércules.

203 Cf. nota 193.

204 Diceópolis atribui a infelicidade presente de Lâmaco ao facto de este ter tomado a Górgona para insígnia. Portanto pertence ao guerreiro que escolheu tal *δαίμων* a responsabilidade do seu destino.

205 Em tempo de paz, o escudo repousava sobre um cavalete de três pés.

206 Na resposta, Diceópolis refere-se ao estômago (*τῆς ἐμῆς σ. γαστρῶς*).

207 Esta genealogia é paródica, dada a semelhança do nome do pai aqui indicado e a palavra Górgona. Tucídides (VII.8,2) dá ao progenitor de Lâmaco o nome de Xenófanes.

208 Antímaco é para nós desconhecido. Mas tanto quanto se pode deduzir deste texto, a animosidade de Aristófanes é meramente pessoal. Antímaco tinha sido corego num anterior festival das Leneias: talvez, na opinião de GRAVES (*op. cit.*, p. 129), naquele em que Aristófanes apresentou os *Δαιταλῆς*, sob o nome de Calístrato. Embora não fosse difícil saber quem era o verdadeiro autor, Antímaco não o convidou a participar no banquete que se seguia à representação. O epíteto que esta personagem tinha de «Filho do Perdigoto» advinha-lhe, a crer no escoliasta, de certo vício na fala: «quando falava, encharcava os amigos».

209 O trágico Orestes, o filho vingador de Agamémnon, encarna aqui um valdevinos, que vagabundeia fora de horas pelas ruas, bêbado, a incomodar os passantes.

210 Cf. nota 170.

211 Esta cena final contém uma paródia das lamentações trágicas.

212 Diceópolis troça do modo como Lâmaco vem, transportado por soldados.

213 Isto é, festas em honra de Apolo.

214 Cf. nota 200.

BIBLIOGRAFIA

Edições:

- R. CANTARELLA, *Le commedie*, II, Milano, Istituto Editoriale Italiano, s.d.
V. COULON, *Les Acharniens*, Paris, Les Belles Lettres, 1972. (Texto utilizado para a tradução.)
C. E. GRAVES, *The Acharnians*, Cambridge, University Press, 1967.
J. VAN LEEUWEN, *Acharnenses*, Leiden, Brill, 1968.

Pelo interesse do seu comentário foi ainda consultada:

- D. MACDOWELL, *Wasps*, Oxford, University Press, 1971.

Estudos:

- C. BAILEY, "Who played Dicaeopolis?", in *Greek poetry and life*, Oxford, 1963, pp. 231-240.
K. J. DOVER, *Aristophanic Comedy*, Oxford, University Press, 1972.
L. EDMUNDS, 'Aristophanes' *Acharnians*', *YCIS* 26, 1980, pp. 1-41.
V. EHRENBERG, *The People of Aristophanes*, Oxford, Blackwell, 1951.
G. GLOTZ, *La cité grecque*, Paris, Ed. Albin Michel, 1968.
R. GRAVES, *The Greek Myths*, Bucks, Penguin Books, 1960.
R. HARRIOTT, 'The function of the Euripides scene in Aristophanes' *Acharnians*, *G&R* 29, 1982, pp. 35-41.
D. M. MACDOWELL, 'The nature of Aristophanes' *Acharnians*', *G&R* 30, 1983, pp. 143-162.
K. MCLEISH, *The theatre of Aristophanes*, Essex, 1980.
G. MURRAY, *Aristophanes. A study*, Oxford, reimpr. 1968.
A. W. PICKARD-CAMBRIDGE, *The Theatre of Dionysus in Athens*, Oxford, University Press, 1946.
A. W. PICKARD-CAMBRIDGE, *The Dramatic Festivals of Athens*, Oxford, University Press, 1968.

- A. C. RAMALHO, *Dipla onomata no estilo de Aristófanes*, Coimbra, 1952.
 C. RUSSO, *Aristofane, autore di teatro*, Firenze, Sansoni, s.d.
 J. TAILLARDAT, "Aristophanea", *BAGB*, 1961, pp. 106-108.
 J. TAILLARDAT, *Les images d'Aristophane. Étude de langue et de style*, Paris, Les Belles Lettres, 1962.
 C. H. WHITMAN, *Aristophanes and the comic hero*, Cambridge, Massachusetts, 1964.

As abreviaturas usadas para autores e obras da Antiguidade grega são as de LIDELL-SCOTT, *A Greek-English Lexicon*; para a latina, as de LEWIS and SHORT, *A Latin Dictionary*.

Quanto aos títulos das revistas, adoptou-se o sistema de abreviação de *L'année philologique*.

ÍNDICE

	Págs.
INTRODUÇÃO	7
DATA E FINALIDADE DA PEÇA	9
ESTRUTURA DA PEÇA	12
OS ACARNENSES	23
I Argumento	25
II Argumento	26
PERSONAGENS DO DRAMA	27
TRADUÇÃO	29
NOTAS	105
BIBLIOGRAFIA	131

textos clássicos-9

os Acarnenses

2.ª edição

Aristófanes



M
a
r
i
a
d
e
F
á
t
i
m
a
S
o
u
s
a
e
S
i
l
v
a

tc
9

Aristófanes

os Acarnenses



inic